

Universidade Federal Fluminense - UFF
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Luciana Franco

**Pensando a escrita no trabalho de pesquisa –
Por uma política da narrativa**

Niterói
2013

Luciana Franco

**Pensando a escrita no trabalho de pesquisa –
Por uma política da narrativa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientada pela Professora Dra. Márcia Moraes

Niterói
2013

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

F825 Franco, Luciana.

Pensando a escrita no trabalho de pesquisa – por uma política da
narratividade / Luciana Franco. – 2013.

112 f.

Orientador: Márcia Moraes.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de
Psicologia, 2013.

Bibliografia: f. 107-112.

1. Narrativa. 2. Pessoa com deficiência. 3. Inclusão escolar. 4.
Pesquisa. 5. Escrita. I. Moraes, Márcia. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 150

Luciana Franco

Pensando a escrita no trabalho de pesquisa –
Por uma política da narratividade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luis Antonio dos Santos Baptista – UFF

Profa. Dra. Analice de Lima Palombini – UFRGS

Profa. Dra. Márcia Oliveira Moraes – UFF

A todos que tornaram esse trabalho possível.

Agradecimentos

Aos que estiveram e estão no grupo de pesquisa Perceber sem Ver, pelos encontros que se tornaram grandes amizades, pelas conversas de aumentar mundo, pelos amigos-secretos com presente feito, por terem me acolhido sem atentar para o tempo que passava.

À Márcia Moraes, professora, orientadora, amiga, que com a delicadeza e a escuta que lhe são características ajudou a construir as margens e o rio desse trabalho, transformando a bagunça das angústias, inquietações e ideias na fluidez do falar das coisas. Agradeço pela sempre disponibilidade em estar comigo, nas leituras cuidadosas dos meus rascunhos, nas lembranças quando eu estava em esquecimentos, nas conversas sobre a vida e suas ‘artemanhas’.

Aos professores que compõem a banca, Analice, Luis Antônio e Márcia, que de pronto aceitaram esse convite, mesmo no mar de textos e orientações que os imagino, e que leram esse trabalho com generosidade e sutileza, pescando observações que foram muito preciosas para a construção dessa escrita. Agradeço também ao professor Marcelo e à doutora Laura (por essa e outras estradas), que gentilmente concordaram em nos apoiar.

Ao grupo de estudos da orientação coletiva, que no cheio de gente, estilos e experiências fez daqueles encontros abertura de caminho e estreitamento de laços, muito importantes pra mim.

À turma do mestrado, que em cada pesquisa me apresentou a universos surpreendentes e interessantes, que melhorou meu olhar nesse mundo, que me fez conhecer pessoas tão queridas, e assim aumentamos a amizade.

Aos amigos que me acompanham há tempos, desde a vida na serra às descobertas no novo mundo, com os quais tenho tantas histórias e ainda muitas para partilhar. É dessas histórias de que sou feita, das conversas, das militâncias, das reflexões, das risadas, das durezas, das bobagens, do brigadeiro e do bar.

À minha família, onde tive a sorte de cair quando vim pra esse mundo, que me ensina a traçar os caminhos através do respeito, do companheirismo e do amor. Lá também encontrei inspirações para desbravar o mundo, para apreciar as palavras, para valorizar os esforços e levar adiante o que aprendemos, na família que agora cresce. Agradeço com tanta alegria aos que chegam, que somam e fortalecem ainda mais os laços que nos unem. E também ao amor, que eu sinto por aqui, pertim de mim, encurtando as distâncias.

À capes, pela bolsa de estudos concedida.

À Geórgia, que me encaminhou o trabalho da facilitação e que com tanto zelo fez a transição para minha chegada, e à Jô, que esteve comigo nesse percurso e que o tornou melhor.

Aos professores, coordenadores, assistentes e diretores da escola onde trabalhei como facilitadora. Agradeço as muitas conversas que tivemos, a disponibilidade sempre presente para pensarmos jeitos melhores de conduzir o trabalho, as ótimas aulas que assisti e o tanto que aprendi, a aposta num projeto pedagógico interessante, os olhares para além, o apoio que encontrei de tantas formas.

Aos participantes da Oficina da Palavra, à Alice e à Ofélia. Agradeço os bons encontros, foram mesmo bons. Agradeço, e desejo que a vida seja povoada de bons encontros como estes. Aos pais destas duas meninas, digo, adolescentes, agradeço todo o cuidado e digo de minha grande admiração por eles, nas vivências, dores e descobertas do deixar partir.

Resumo

Este trabalho é uma investigação/relato sobre a escrita no trabalho de pesquisa, ou melhor, sobre a aposta numa política de escrita que colhe suas questões e direcionamentos a partir da narrativa e do acompanhamento das pequenas histórias. Assim, a escrita é despertada e construída pelos encontros em campo, que, nesse caso, aparece em dois momentos: uma oficina desenvolvida a partir do grupo de pesquisa Perceber sem Ver e o trabalho como facilitadora numa escola regular da rede privada do Rio de Janeiro.

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo 1	20
A pesquisa Perceber sem Ver.....	20
Fragmento: Onde começa o começo	21
Referência: Exercícios de escuta.....	22
Fragmento: Os laços.....	24
Referência: A lógica do cuidado	25
Fragmento: Janelas.....	28
Referência: As invenções de um dispositivo.....	30
Fragmento: Testemunhar.....	33
Referência: Pela lembrança e testemunho.....	34
Fragmento: Um galo nada tece sozinho	36
Fragmento: É preciso partir.....	37
Referência: Guiar e ser guiado	38
Fragmento: O grupo	41
Referência: Compartilhar	42
Fragmento: Diário de campo.....	45
Referência: O diário íntimo e a narrativa	46
Fragmento: Refazer.....	48
Referência: Ser afetado	48
Fragmento: Convivendo.....	50
Referência: Táticas e estratégias	51
Fragmento: Cansaços	53
Referência: Disseminações	54
Fragmento: Por todos	55
Fragmento: Costuras	56
Referência: Com nossos botões.....	56
Capítulo 2	60
O trabalho como facilitadora.....	60
Fragmento: O fazer com.....	61
Referência: Sobre modos de interrogar	63

Referência: O testemunho de Santiago	68
Referência: O inventário das sombras.....	73
Referência: Uma ética de pesquisa.....	74
Fragmento: As descobertas	77
Referência: Memórias Inventadas	78
Fragmento: As relações de inclusão/exclusão.....	82
Referência: Articulações	83
Referência: Refazendo fronteiras	86
Referência: Saberes localizados	89
Fragmento: Os aprendizados	95
Referência: Universos	98
Conclusão	102
Referências	108

Introdução

As páginas que lerão a seguir não são resultado de um percurso, mas sim ele próprio. Dispondo-me a pensar uma política de escrita dentro do trabalho de pesquisa, parti dos encontros e das questões aos quais me lançaram dois campos específicos: um trabalho de pesquisa, desenvolvido no Instituto Benjamin Constant (IBC)¹, instituição de referência nacional no campo da deficiência visual, e uma escola de ensino fundamental da rede privada do Rio de Janeiro, na qual atuei como facilitadora². Devo dizer, antes de seguir adiante, que a esses encontros somam-se outros, que se deram em outras salas de aula, em outros espaços de conversa, e que fazem essa escrita ser constituída como uma mistura. Mistura que poderia ser chamada de ‘diálogos’, mas algo aí me parece como dois ingleses que ao chá da tarde trocam palavras cordiais. Chamar de ‘interlocuções’ seria escorregar na ideia de que há lugares bem definidos a cada um, que poderia receber e interferir sem deixar de ocupá-los. E na falta de uma palavra que se aproxime mais do que pretendo dizer, falto com as regras de uma boa redação e repito os vocábulos: todos esses encontros fazem desta uma escrita constituída por encontros. O dicionário, que muitas vezes me preserva de cometer esse delito, dessa vez abre a brecha para ampará-lo: ‘encontro’, substantivo masculino, seria o ato de chegar à pessoa ou coisa que se encontra, o choque, o jogo, a colisão, o encontro casual, o conflito, a conjunção, a contradição, a compensação de contas, o pilar em cada

¹O Instituto Benjamin Constant é uma instituição de referência nacional do campo da deficiência visual, dispondo de uma escola que oferece aulas até o ensino fundamental e de outros setores, como a Reabilitação, que atendem jovens e adultos cegos e com baixa visão. Este setor oferece atividades que buscam desenvolver habilidades para a vida diária, leitura a Braille, uso de recursos tecnológicos, uso da bengala, entre outras ações.

²Essa função consiste em acompanhar e auxiliar o processo de aprendizagem de alunos que demandam uma atenção específica.

extremidade de uma ponte, cada uma das peças que mantêm firme o tear, a confluência de rios³. E assim têm sido esses encontros, muitas vezes se efetuando nas turbulências e desassossegos, nas belezas e surpresas que só aparecem pela disponibilidade de estar, nos rearranjos que encontrarão aqui um lugar de partilha – e que são, fundamentalmente, os disparadores dessa escrita.

Quando fui aceita na pós-graduação em psicologia pela Universidade Federal Fluminense, as ideias de tornar material de pesquisa as interrogações de um trabalho ganharam o apoio e o suporte da academia, mas não me isentaram dos dilemas éticos sobre os quais agora precisaria responder. Falar das experiências por que passava nos dois campos que citei anteriormente era falar da história de sujeitos, com os quais convivi e os quais me confiaram suas narrativas. Como cuidar dessa relação de confiança num trabalho de pesquisa, do qual espera-se um tornar público as formulações? E ainda, como manter esse cuidado numa política de escrita que reconhece nos caminhos o próprio trabalho, e que faz das histórias desses sujeitos o principal recurso na escuta do campo? Há estratégias convencionadas pelo bom senso e exigidas pelas Comissões de Ética, como a substituição por nomes fictícios e omissão de informações que evidenciem a identificação dos sujeitos. Mas penso que a responsabilidade aí convocada se debruça sobre outros limites, nos comprometendo a assumir a aposta que nós, pesquisadores, fazemos em campo. Não há verdades a serem reveladas, mas diferentes perguntas que abrem ou encerram questões. E quando fazemos desse material uma escrita e dessa escrita, publicação, estamos apresentando ao mundo uma certa versão da experiência, que sem o cuidado de mostrá-la como tal pode-se incorrer no grave perigo de engessar esses sujeitos nos dizeres sobre eles. É

³Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, versão online.

importante esclarecer que não nos referimos às diferentes faces de um mesmo fato, mas defendemos que o próprio fato só tem existência a partir dessas versões. As implicações éticas chegam então a esse ponto: o que estamos fazendo existir com o que produzimos em nossas pesquisas?

Por esses fios, começamos então a tecer o que pensamos e apostamos sobre uma certa política de escrita. Dizemos que se trata de uma escrita situada, no tempo, no espaço, nos encontros cotidianos, próxima àqueles sobre os quais se dedica e negociada e amparada nos dizeres e embates do campo. E nesse ponto poderíamos ser questionados por sugerir uma possível separação entre teoria e prática, entre pesquisador e campo, tomando este último o como o terreno exclusivo de onde serão colhidas informações. Pois não é isso. Entendemos a noção de campo como uma complexa rede de relações que inclui os diversos atores e negociações que atravessam o trabalho de pesquisa e que eles próprios o constituem⁴. As formulações que são feitas não podem estar desvinculadas dessa rede – e por isso defendemos uma política de escrita que seja local, que leve em consideração os percursos e atravessamentos no processo de produção de um conhecimento.

A discussão que estará permeando todo o texto, como já foi dito, se aproxima da relação entre escrita e método de pesquisa. Mas a que escrita e a que método estamos nos referindo é preciso explicar. De todo pesquisador se espera algum registro das observações, e da análise dessas é que se chega à produção de um conhecimento. Pois não podemos discordar que o modo como o pesquisador está em campo, colhe os dados, os registra e analisa é o próprio método – impossível desvencilhá-lo da escrita. Dito

⁴SPINK, Peter (2003).

isso, e partindo dessa pista, continuo as explicações sobre onde se embarça meu objeto de estudo.

Ao longo dos muitos anos em que fiz (e ainda faço) parte do projeto de pesquisa *Perceber sem Ver*, que acompanha narrativas atravessadas pela questão da deficiência visual, a partir de oficinas oferecidas no Instituto Benjamin Constant⁵, me aproximei de importantes discussões acerca do pesquisar. Tínhamos uma coordenação preocupada em sustentar uma ética de trabalho que levasse em conta o outro e que orientasse a produção de conhecimento para que esta fosse resultante de um encontro. Desconstruíamos a ideia de um pesquisador neutro e detentor de um saber. Aprendíamos a ser contestados pelo campo e a perceber a riqueza dessas recalcitrâncias, produzindo novos arranjos em nossos conceitos. Pesquisar com, planejar as intervenções a partir das pistas que o campo fornecia, entender o lugar do pesquisador como sujeito a interrogações foram alguns direcionamentos que ajudaram a ir construindo uma tática⁶ de trabalho. Fomos repensando nossa escrita ao longo das leituras, experiências e discussões, e os diários, onde fazíamos o registro do que se passava em campo, foram ganhando novos contornos. Da preocupação em descrever um a um os eventos que se sucediam, passamos a incluir as aproximações, suas repercussões, os desacertos, as sutilezas – passamos a um outro estilo de registro porque também construíamos um outro estilo de escuta das experiências, algo em constante exercício.

Tive a oportunidade de trabalhar em um outro espaço, dessa vez uma instituição de ensino muito interessante, da rede privada do município do Rio de Janeiro, que se

⁵ O Instituto Benjamin Constant é uma instituição com mais de 150 anos de existência, referência nacional no campo da deficiência visual.

⁶ Referência ao conceito de 'tática', proposto por Michel de Certeau, sobre o qual também será falado adiante.

configurava como escola regular onde também tinham matriculados alunos com alguma deficiência. Na função chamada de facilitadora, acompanhei duas meninas que cursavam o quinto ano do ensino fundamental e assim continuei no ano seguinte. Ainda no exercício de escuta e reflexão, escrevi pequenos diários de campo a partir desta nova experiência, levando em conta o que discutíamos no Projeto de Pesquisa Perceber sem Ver. A necessidade de relatar certos eventos fizeram surgir os ‘diarinhos’, de todos os dias e de muitas questões. Era uma escrita pontual, despertada pelos acontecimentos, e que tinham uma destinatária: a Márcia Moraes, orientadora desse projeto. Escrevia porque havia alguém disposta a ler essas inquietações, e que com zelo as transformava em conversas a se desdobrar no campo e me desdobrar em outros arranjos, mais disponíveis.

E eram nesses encontros-desencontros que descobríamos algo sobre a questão da deficiência. Não o que tinha a nos dizer o saber médico e as noções que classificam o corpo referindo-se à normalidade, a uma virtualidade, mas sim o que ouvíamos de cada história, presente e encarnada, que acompanhávamos. Era em cada história que se revelava a complexidade na qual essa questão estava mergulhada, suas conexões – e o modo como se articulavam – com outras histórias, a invenção de saberes. E nesse acompanhamento novas versões se constituíam – novas escritas. Seguindo a aposta de produzir um conhecimento a partir daí, pensamos que o estilo da narrativa muito teria a contribuir para pensar a escrita nessa pesquisa. Tomamos a narrativa enquanto o relato e encadeamento construído entre e nas histórias, não nos aprofundando nas especificidades desse tema.

Este trabalho, portanto, ao passo que perseguiu aquela discussão, não poderia deixar de fazê-lo sem estar em diálogo com um campo, atravessado pela questão da deficiência em dois espaços específicos: o projeto de pesquisa Perceber sem Ver e o

trabalho como facilitadora. Entendendo a escrita em diálogo com a narrativa como uma aposta metodológica, impossível desvencilhá-la do próprio campo de pesquisa. Chegamos então ao embaraço de onde partiu esse trabalho e também de onde iremos afirmar o presente objeto de estudo: *pensar uma política de escrita como estratégia metodológica para acompanhar as pequenas histórias, que aqui estarão atravessadas pela questão da deficiência.*

Antes de finalizar essa introdução, é preciso uma explicação sobre a estratégia de escrita adotada. Vendo-me diante dos embaraços que relatei acima, por estar em dois campos de trabalho com seus muitos personagens e numa pesquisa que dizia sobre o próprio pesquisar, optei por organizar a escrita no que chamei de *fragmentos e referências*. Os primeiros (que aparecem com esta letra)⁷ seriam trechos dos diários e experiências em campo, e as outras (onde mantive essa mesma grafia), discussões a partir da obra de autores e artistas, assim como minhas próprias observações. Agora digo-lhes mais sobre a confecção do texto. Os trechos de diários de campo selecionados não o foram a qualquer sorte. Se aqui estão, é porque foram cuidadosamente estudados, discutidos, lidos e relidos, levando em conta as questões que podiam ser interessantes a este trabalho, os atores que participaram dele, as conversas com a orientadora dessa dissertação, o cuidado nas relações, o que pretendíamos fazer aparecer. Essa escolha já foi uma certa aposta ética e política, sobre um fazer e uma maneira de como fazer. Já as referências dizem do que se tornou interessante de conversar com os diários, sendo seus aliados – documentaristas, repórteres, poetas, acadêmicos, amigos – todos aqui sendo considerados com a mesma força, com o mesmo peso, para que chegasse também a leveza de que eu estava precisando a fim de levar adiante as histórias aqui apresentadas.

⁷ Esse modo de esclarecer as diferenças no texto foi inspirado na dissertação de Marília Silveira (2013).

São fragmentos e referências porque esse texto foi sendo construído com ideias que despertavam essas pontes do conversar. Nunca foi pretensão dar conta de um autor, uma obra ou nem mesmo algum trecho ou recorte. As leituras, filmes e pensamentos aparecem no que foram capazes de suscitar e fazer pensar. Talvez isso seja uma fragilidade quando me reconheço nos meios acadêmicos, e essa preocupação esteve à espreita. Mas apostamos nesse modo fragmentário para dizer desse mesmo caráter da escrita, para tomá-la enquanto tal, fragmentária, incompleta, que comporta outros começos, outros dizeres, e que segue adiante.

Por último, e encerrando para que vocês ainda tenham fôlego para seguir, é importante esclarecer que numas ocasiões usamos a primeira pessoa no plural e noutras ela aparece no singular. Uma confusão que não é despropositada. Essa escrita é constituída por muitos e também assinada por um. Há algo aí que sempre se mistura, porque somos um, encarnado num corpo que produz uma certa escrita, num estilo sempre singular, mas que é poroso e que só se faz com o outro. E longe de desfazer esse mal-entendido, o que queremos é evidenciá-lo tal como é, nessas misturas.

Fragmento, *s. m.* Peçaço, fração; migalha; excerto; trecho; parte.

Referência *s. f.* Ponto de contato ou relação que uma coisa tem com outra⁸.

⁸Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, versão online.

Uso a
palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Manoel de Barros – O apanhador de desperdícios

Capítulo 1

A pesquisa Perceber sem Ver

No ano que vem (2014) o projeto de pesquisa Perceber sem Ver chega a seus 10 anos de existência. Tive a alegria de acompanhar boa parte dessa trajetória, de um grupo que acolheu pessoas tão diversas em seus estilos e que delas foi se compondo. E isso só foi possível por meio da orientação cuidadosa da professora Márcia Moraes, que generosamente nos repartiu seus conhecimentos e nos disse sobre as delicadezas da escuta e dos manejos. Assim como tantas pessoas que passaram pelo projeto, entre pesquisadores e colaboradores, também foram muitas as leituras e discussões – e todas essas presenças e conversas refizeram por algumas vezes o que movia o pesquisar. Se lá no começo perseguíamos como se dava a percepção sem a visão, passamos a nos interessar mais pelas singularidades no estar cego: acompanhando as histórias.

Fazendo um breve histórico do projeto, foi a partir da observação das aulas de teatro⁹ do Instituto Benjamin Constant que surgiu a Oficina de Experimentação Corporal¹⁰. Essa oficina tinha a proposta de trabalhar com os alunos a construção de seus personagens, e ao tempo que propúnhamos intervenções nesse sentido, também se produziam novas articulações entre o corpo e o mundo¹¹. O trabalho seguiu a outros

⁹Eram aulas de teatro oferecidas aos alunos do ensino fundamental.

¹⁰As Oficinas de Experimentação Corporal são espaços onde são trabalhados aspectos importantes na conscientização corporal, como equilíbrio, lateralidade, sensibilização dos sentidos. São também espaços de fala, que abrem à troca de experiências e saberes. No início desse trabalho, acompanhando a coordenadora Márcia Moraes, estavam Aline Lima e Carolina Manso. Ao longo dos anos, o trabalho recebeu e contou com as contribuições de Ana Gabriela Rebelo, Isabela Prince, Luara Lima, Josselem Conti, Júlia Neves, Camila Alves, Tadeu Gonçalves, Liz Eliodoraz, Vandrê Vitorino, Marisa Avellar, Marisa Gomes, Thayana Valente, Thainá Rosa, Jeanne Souza, Thiago Cavalcanti, Larissa Mignon, Lia Paiva.

¹¹MORAES (2006, 2007, 2008).

setores do IBC e chegamos ao de Reabilitação com mais um horário dedicado às experimentações corporais. As pessoas que acompanhavam os participantes das Oficinas aguardavam a finalização das atividades até o momento do retorno para casa, e nessa espera conviviam com o Instituto, suas rotinas e corredores. Foi percebendo que uma delas costumava nos solicitar para contar algo, dividir uma angústia ou um acontecimento, que pensamos em criar um espaço para esse grupo (o Encontro com os Familiares). Foram encontros onde acompanhamos histórias de descobertas, lutos, lutas, reinvenções, movimentos, acomodações, recuos, conquistas, estabelecimento de laços, construção de redes, partilha. Houve um tempo em que não pude mais participar desses encontros (outros trabalhos me tomaram a disponibilidade), mas durante o ano de 2011 retomamos o espaço, munidos de uma nova aliança: a literatura. Usaríamos recortes de livros, trechos de poemas ou fragmentos de textos para servirem como disparadores da fala, e assim foi criada a Oficina da Palavra, cuja coordenação contou com a parceria de Marina Morena, nos primeiros encontros, e Júlia Neves, até o fim. A escolha desses recortes era feita a partir das discussões que fazíamos com todo o grupo de pesquisa, onde líamos os diários de campo e dos quais eram colhidas questões que surgiam nos relatos. Questões que, na Oficina da Palavra, apareciam atravessadas pelas veredas do acompanhar.

Fragmento: Onde começa o começo

Foi Raquel¹² quem despertou em nós a ideia da criação de um espaço para as acompanhantes, quando contava das dificuldades com o filho mais velho, diagnosticado com um transtorno psiquiátrico e cego

¹²Os nomes que aparecem nos diários de campo são fictícios e foram inspirados nas grandes autoras da literatura brasileira.

congenito. Raquel nos pedia conselhos. Como devia fazer? Estávamos agora no primeiro encontro da Oficina da Palavra e explicávamos sobre a proposta daquele grupo. Era aberto às pessoas que aguardavam os reabilitandos finalizarem as atividades no Instituto e seria um espaço para falar histórias, trocar experiências, circular a palavra. Raquel agora era outra, de fala mais firme e queixas sedimentadas, numa espera impaciente por orientações do como proceder. Falou que já tinha participado no ano anterior (do Encontro com os Familiares) e até agora não tinha entendido para que servia aquele espaço. Raquel pedia que ensinássemos.

Inventando jeitos para nos apresentar, sugerimos às presentes que fizessem uma linha do tempo, marcando acontecimentos importantes de suas vidas. Mães, primas, esposas, amigas - mulheres que destacavam o feminino na função do acompanhar. Eram velhas, disseram, já tinham vivido muito, não valia a pena dizer disso. As histórias chegaram na referência a seus acompanhados, e Raquel foi uma das primeiras a começar: sua vida teve começo quando o filho nasceu. E antes, não havia vida? Não aquela vida de agora, inteiramente dedicada a ele. Tinha também uma filha e nem ao menos falava dela, pelo tanto que o menino lhe demandava atenção. E as vidas naquela sala, nesse momento, pareciam todas terem seu início com a cegueira do acompanhado. Insistimos para que a linha do tempo recuasse, fosse ampliada a outros marcos. "Eu acho que nós precisamos falar disso, não dá para ficar falando de coisas de antigamente, essa é a maior questão na nossa vida agora". Falas confirmavam dificuldades e angústias - vamos abrir o espaço a isso. Mas outras vozes apareceram: uma moça que escolhera levar a prima no IBC quando o restante da família recuou; uma amiga que acompanhava a outra mas contou mesmo foi de sua recém-formatura no ensino médio e do desejo de fazer faculdade; uma senhora e seus quatro casamentos, e disso gostava tanto que fazia vestidos de noiva. O tempo passou depressa, já era hora do encerramento. Raquel tinha saído um pouco mais cedo: avisou baixinho que ia ligar pra filha, pra saber como ela estava.

Referência: Exercícios de escuta

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular (ALVES, 2003, pág. 63).

Um dia fui apresentada a uma crônica do Rubem Alves (2003) chamada *Escutatória*. Não fossem as metragens acadêmicas censurar as aspas mais generosas, reproduziria o texto na íntegra sem hesitar. Suas observações raras nos servem de pausa às velocidades que fazem atropelar as falas, as chegadas, as reflexões. Servem para indagar o modo como estamos acostumados a escutar, e como é: devolvendo prontamente aquilo que seria melhor dito por nós e que já estava sendo pensado enquanto mesmo se escutava. Para escutar, é preciso não ter filosofia – ele diz. E por filosofia compreende as ideias que aos montes nos enchem a cabeça, antecipando como as coisas são. É preciso, antes, esvaziar-se disso.

O escritor nos conta um episódio em que ouvia duas mulheres se queixarem dos infortúnios da vida, uma delas listando intermináveis sofrimentos que passava com a enfermidade do marido. Terminado o relato, aguardava-se então alguma palavra de conforto ou o que disso fosse possível para acolher os tantos pesares. Mas o que se ouviu foi que tudo aquilo não era nada, diante de uma autêntica via crucis que a outra, sim, vivia e que agora passava a relatar. E assim costumamos exercitar nossa escuta, nublada pela vaidade que faz de nós o centro e a referência. Não conseguimos fazê-lo sem pensar no que temos a responder, desconsiderando a fala do outro como se não merecesse cuidadosa atenção e precisasse ser complementada pelo que nós temos a dizer, por certo muito mais interessante. Conclui: no fundo, somos todos como essas duas mulheres. E então nos apresenta a outro modo de escutar, contando uma experiência que um amigo viveu entre os índios americanos. Nas reuniões, havia sempre um grande silêncio, interrompido apenas por uma fala julgada essencial em ser partilhada. Depois o silêncio era novamente retomado, para que o que foi dito pudesse ser apreciado e estudado com desvelo por seus ouvintes.

A Oficina da Palavra nos atentou para a questão da escuta. Muitas vezes, era na

feitura do diário de campo que criávamos espaços para isso, para abrir mão de uma filosofia e estar mais disponível ao que o outro tinha a dizer. Noutras, eram as intervenções das participantes que faziam os cortes, a tornar possível a escuta de importâncias por nós despercebidas. Essa escuta de que nos fala Alves (2003) não pode ser afinada senão num constante exercício, mantido pela reflexão, pela conversa, pela troca, e que só assim se torna capaz de abrir esses espaços. Espaços para a partilha. Pista interessante na composição de uma aposta metodológica: a escuta como esse exercício contínuo, distribuída entre os diversos atores que compõe o pesquisar e articulada ao recriar da escrita, que nos abre pontes.

Fragmento: Os laços

O menino e seu amiguinho brincavam nas primeiras espumas; o pai fumava um cigarro na praia, batendo papo com um amigo. E o mundo era inocente, na manhã de sol. Foi então que chegou a Mãe (...) e trouxe seu coração de Mãe que imediatamente se pôs aflito achando que o menino estava muito longe e o mar estava muito forte.

“Mãe” - Rubem Braga

Estávamos próximo ao dia das mães, e nossa homenagem, ao invés dos louvores que de fato merecem, foi um conto de Rubem Braga, sobre a Mãe que acredita tudo ser uma catástrofe prestes a ocorrer quando o filho foge ao alcance de sua vista. Uma homenagem ao coração de grande parte das mães, que se põe aflito pelas preocupações de todo tipo. Curioso como Raquel e Coralina chegaram: anunciando que traziam mais uma mãe para o grupo. O conto, que tem um final cômico¹³ talvez para quem ainda não tivesse essa experiência, como Júlia e eu, não provocou ali as mesmas risadas, mas puxou o novelo das histórias de quem sabe dessas aflições, as quais Raquel e Coralina repartiram conosco em lembranças ou relatos de agora. Clarice, que ainda não conhecíamos, se apresentou, e sem que pedissemos fez sua linha do tempo. Do trabalho desde muito cedo, do casamento mocinha, de uma vida de privações materiais que pedia mais trabalho para prover o

¹³ O conto termina com uma queixa do menino: “Mãe é chaaata...”.

sustento dos filhos, e que por isso pouco tempo restava para o convívio com eles – isso lhe doía o estar. O tempo passou, os filhos cresceram e veio a aposentadoria. Tristezas: seu marido faleceu logo depois e também logo depois sofreu a perda de outras pessoas queridas – a vida foi ficando sem sentido. Um dia, soube que o neto de uma amiga que falecera estava morando só. Era cego, conhecia pouco mais que o espaço da própria casa, onde passava todo o tempo. Clarice assumiu seus cuidados e convidou-o a morar com ela. Ele lhe deu alegria de pequenas coisas do cotidiano. Ela, no encontro dos tantos elementos dessa história, se dispôs ser mãe de novo. E coração de mãe também tinha alegrias.

Referência: A lógica do cuidado

Os grupos de estudo sempre foram lugares que ampliaram minhas conexões com os textos e a outros pensamentos e acontecimentos. Traziam o diálogo pela própria maneira de se compor: a multiplicidade de corpos, histórias e leituras presentes em torno das mesas onde se reuniam. Dois desses importantes espaços foram as reuniões da pesquisa Perceber sem Ver e as do grupo de orientandos da professora Márcia Moraes na pós-graduação (ambos os espaços coordenados por ela). Muitos dos textos e discussões que ajudaram a construir essa escrita foram trabalhados nesses espaços.

Foi lá que conheci a obra *The Logic of Care* (2008), da médica e filósofa holandesa Annemarie Mol, produzida a partir de uma pesquisa que acompanhou histórias de pessoas que viviam com diabetes. O trabalho de Mol está marcado por um caráter performativo das práticas (MORAES, ARENDT, 2013), ou seja, pelo entendimento que elas fazem existir certos modos de vida. É da corrente de pensadores da teoria ator-rede¹⁴, que considera que as produções são efeitos de certos arranjos entre elementos

¹⁴Corrente teórica nascida na década de 80, tendo como importantes nomes John Law e Bruno Latour. Nas palavras de MORAES e ARENDT: “Ela é um conjunto de procedimentos sensível à complexidade desta rede de relações e que conta histórias interessantes sobre elas e sobre o que nelas interfere. Ela visa estudá-las, explorá-las, descrevê-las e acompanhar a produção ou remodelação de todo tipo de

humanos e não-humanos, participando em igualdade de condições (pois ambos contam na formulação dessas versões), que Mol desenvolve suas ideias. Sua grande contribuição está na atenção que dedica à investigação desses arranjos e seus efeitos no que há de mais cotidiano – no caso desse estudo, como se articulam, no tratamento da diabetes num hospital da Holanda, os atores da equipe médica, a relação que estabelecem com a doença e com o paciente, os instrumentos utilizados nas intervenções, o como viver num corpo que possui uma produção insuficiente de insulina, as transformações instauradas pela fabricação artificial dessa substância, as taxas de glicose no sangue, a leitura dos sinais da hipoglicemia, as negociações sobre o que e quando comer, as articulações dessas exigências na vida comum.

A ela interessou acompanhar o que faziam estes atores ao se articularem entre si e quais seriam as consequências destas articulações no cotidiano dos pacientes. Seu interesse não recaía tanto na descrição deste fazer, mas na maneira como a realidade era performada pelos atores, isto é, como estes se uniam para manipular e colocar em cena tal realidade (...) Ocorre que cada realidade performada dispara um mundo de articulações diferentes: emerge uma multiplicidade de mundos que podem ou não se relacionar entre si (MORAES, ARENDT, 2013, pág. 9).

Mol (2008) faz uma importante discussão para que esses elementos sejam considerados no processo do cuidar (lógica do cuidado), em oposição ao que seria a lógica da escolha, que apaga essas conexões numa responsabilização solitária de um sujeito. Moraes e Arendt relembram exemplos citados pela autora para trazer o contraste entre esses dois posicionamentos: um programa sobre fertilização in vitro, em que o médico apresentava sua paciente – que queria ser mãe e isso era sua escolha – como sofredora e orgulhosa; um segundo caso, discutido pela equipe de um hospital

atores – o que inclui objetos, sujeitos, seres humanos, máquinas, animais, “natureza”, ideias, organizações, desigualdades, escalas ou arranjos geográficos. Neste sentido, nada tem realidade ou forma fora da articulação destas relações” (MORAES, ARENDT, 2013, pág. 5)

psiquiátrico, em que um dos pacientes se recusava a sair do quarto para tomar o café da manhã, e deveria a equipe deixá-lo sem isso, pois havia sido sua escolha?; e o terceiro, vivido pela própria autora quando grávida, durante um procedimento para prevenção de fetos com Síndrome de Down, que poderia provocar uma reação e o aborto, como aconteceu num pequeno número de casos. Ao receber a injeção, comentou que esperava que tudo desse certo, ouvindo da enfermeira: ora, foi sua escolha.

Comentando estes exemplos, Mol (2008) observou como, no primeiro caso, nada foi dito sobre os hormônios injetados nas mulheres, sobre suas vidas ordenadas em torno da ovulação, sobre suas expectativas frente a uma meta dificilmente atingida. Como no segundo, seguindo a observação de um psicoterapeuta, membro da equipe, o comportamento do paciente poderia se dever ao fato de sua esposa não o ter visitado ou do medo que sentia de jamais receber alta: alguém que não deseja levantar-se da cama necessita cuidados. E como, no terceiro caso, o resultado do pequeno diálogo com a enfermeira teria sido totalmente outro se ela respondesse “Vamos torcer para tudo dar certo” ou “A maioria das vezes não há problema” ou ainda “Você está preocupada?”. A enfermeira, concluiu Mol, poderia ter utilizado o momento para encorajá-la e dizer “Vá para casa, tenha uma tarde calma”. Nos três casos relatados, duas lógicas diferentes são contrastadas - uma que traz o problema para o indivíduo, interiorizando sua decisão, **outra que não nega que decisões existam, mas que dirige as possíveis soluções aos problemas para uma ação coletiva, mais distribuída** (MORAES, ARENDT, 2013, pág. 12, grifo nosso).

Partindo dessas reflexões, podemos considerar que a Oficina da Palavra serviu em muitas ocasiões à lógica do cuidado, quando, em se tornando um espaço de troca e partilha, distribuiu e implicou o grupo no processo do cuidar. As histórias, ao serem levadas, abriam à consideração os muitos elementos que a compunham, bem como à intervenção dos que ofereciam sua escuta presente. Era um espaço para, ao falar das fragilidades da vida, também reconhecê-las como fazendo parte dela, e distribuindo-as com o grupo encontrar e inventar maneiras de lidar. Mol (2008) lembra justamente disso: das fragilidades como algo que também compõe a vida, e sendo assim, fundamental abordá-la a partir das conexões que faz para tornar possível o existir. A recomendação

que deixa aos profissionais de saúde é que perguntem aos pacientes sobre suas experiências, não bastando confiar no que descreve a literatura médica, mas perceber as invenções e singularidades de cada história, o que em cada uma conta para que se possa continuar vivendo. É nessa rede que apostamos implicar a escrita, tornando-a também ativa nesse processo do cuidar. Vemos muitos trabalhos funcionando na lógica da escolha, a produzir uma análise que recorta e retira o sujeito dessas conexões, ignorando que é a partir delas que ele se faz.

Fragmento: Janelas

Alegria é um vento
Que nos levanta do piso
E nos deixa em outra parte,
Um lugar em desaviso.
Não traz de volta, voltamos,
Sóbrios, depois de um tempo.
Novatos para uma tarde
Na terra do encantamento.
"Hora da Alegria" - Emily Dickson

Se as coisas são inatingíveis...
ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não for
A mágica presença das estrelas!
"Das utopias" - Mario Quintana

A ideia era trazer alguma leveza às falas difíceis do último encontro, por isso pensamos nesses poemas. Raquel havia dito das tantas aflições que vivia com o filho e dos caminhos que pareciam não haver, mas ela mesma não pôde estar nesse dia - uma pena. A leitura servia como um disparador e sugeríamos que compartilhassem os pensamentos aos quais ela levava. A alegria era mesmo um vento, um vai-e-vem, Cecília disse. Lembrou da irmã, que morreu num hospital por causa de um erro médico, e da neta, que neste mesmo hospital nasceu bem e saudável. A alegria era assim: um vai-e-vai, um vento. Tem coisas que nos são tiradas e outras que nos são presenteadas. Os acontecimentos da vida: às vezes a gente experimenta a alegria onde talvez nunca esperaria encontrá-la de novo. E as coisas inatingíveis? Tem essas também. Ora, disse Coralina, disso ela entendia bem. As pessoas é que não entendiam as suas vontades, como a de agora, depois de senhora, resolver tirar carteira de motorista. Ora!

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
- para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.

"Emergência" - Mario Quintana

Era hora de inaugurarmos oficialmente a Oficina. Digo oficialmente porque ela começa na chegada ao IBC, nos encontros e notícias pelos corredores, na distração de algumas participantes, na porta da sala, nas histórias que surgem antes de inaugurarmos oficialmente a Oficina. Escolhemos para hoje um poema do Mario Quintana, seguindo as pistas sobre as janelas que abrimos para respirar. E daí se seguiu uma conversa sobre os poetas, que escrevem sobre que estão sentindo. Raquel não entendia nada desses poemas e nós não explicávamos - se queixava. Não havia entendido nada. Não entendia dessas coisas. E lembrou que nisso o filho a ajudava muito, porque quando estudava com ele, precisava ir perguntando o que significava, o que ele tinha entendido de cada parte do texto. Disse que era mais fácil com poemas de amor, e aí contou que sua mãe costumava deixar pequenos escritos num caderno falando sobre um amor do passado. Esses ela entendia, desses ela conhecia a história. Outras lembranças de Raquel - havia então outros começos. Coralina começou a falar das tarefas em casa, do que fazia rápido para se livrar logo, e Raquel perguntou do que ela gostava de fazer. E esse assunto rendeu conversas interessantíssimas: Coralina contou que fazia pinturas em panos de prato, Raquel disse que queria entrar numa aula de crochê e Cecília falou sobre suas primeiras lições e como esse ofício acabou lhe rendendo elogios e uns trocados. Trocaram orientações sobre como fazer uma blusa, em que parte deveria mudar o número de pontos... Janelas que abriam para respirar. E também apareceram as celas abafadas. Raquel retornou às preocupações em relação ao filho e a quando não estiver mais por perto para ajudar. Coralina falou sobre a filha nunca ficar sozinha e sobre a dificuldade de mudar algo que já se perpetua por anos e por toda a família: ela sempre havia sido tratada de uma certa forma e agora Coralina não sabia como fazer diferente. "Você não sabe inventar? Inventar!" - disse Cecília.

Referência: As invenções de um dispositivo

Foi pela voz rouca que fazia perguntas aos moradores de um antigo e tradicional edifício do Rio que conheci Eduardo Coutinho. A telona exibia seu mais novo documentário, *Edifício Master* (2002), o qual dificilmente eu veria em cartaz na cidade de interior de onde chegava. O filme me apresentava a um pequeno grande universo de enredos urbanos. Sem saber, Coutinho foi uma espécie de anfitrião que me recepcionou e conduziu pelas novas perspectivas que os encontros na capital continuariam a ampliar. O que estava ali, orientando as entrevistas de alguns dos 500 moradores locais, era algo que minha condição imigrante tinha de sobra: o interessar-se pelo novo. Cada personagem era um mundo novo de acontecimentos, aqueles mesmos personagens que passam por nós todos os dias, cruzam as mesmas ruas, atravessam os mesmos sinais, dividem as mesmas calçadas. Coutinho criou um jeito de fazer documentário que trazia o singular de cada entrevistado, que colhia o extraordinário no cotidiano.

E isso fazia através de conversas, conversas despertadas pela proximidade. Ele diz ter aprendido no tempo em que trabalhou na televisão que certos cuidados na produção de uma reportagem instauravam uma distância que extorquia dos sujeitos depoimentos. E o depoimento, ainda que se tente manejar, sempre se parece ao depoimento policial. A entrevista, mesmo que procure ser livre, ainda guarda um caráter diretivo. Por isso que o que tenta produzir são conversas, “uma conversa tão fiada quanto aquela que você tem sem a câmera. Só que não é tão fiada porque é feita frente à câmera” (COUTINHO, 2008, pág. 107).

E a fim de extrair dos encontros conversas (e não depoimentos ou entrevistas),

Coutinho lança mão de algumas táticas, como ouvir as histórias sempre pela primeira vez. Não há ensaios. Em alguns projetos, sua equipe faz antes um trabalho de escuta e pesquisa, mas o momento da filmagem é seu primeiro contato com as pessoas. Assim, preserva uma certa imprevisibilidade dos encontros, deixando-se guiar pelas sutilezas dos afetos e extraíndo deles o que há de mais fértil. É uma escuta que procura não antecipar um saber: “é você estar vazio diante do outro, você se pôr entre parêntesis” (idem, *ibidem*, pág. 107). O entrevistado não é ingênuo e intui o que é esperado que ele responda – por isso é essencial fazer perguntas que não o tomem desse lugar, para que ele possa ter outras coisas interessantes a dizer. É possível encontrar histórias tristes num lixão, mas se é isso que se busca pouco espaço resta para aparecer os tantos outros enredos que estão ali.

Tudo isso e a maneira como irá se desenrolar o encontro é que constroem uma aproximação. E esta, segundo Coutinho, não se dá pela tentativa de diminuir falsamente as diferenças, mas assumi-las como ponto de partida. Não é fingir um sotaque, forçar experiências semelhantes, buscar artificialmente uma igualdade, mas fazer diálogo justamente por que não se sabe sobre a experiência do outro. Pela diferença.

De fato, algo se constrói entre a palavra e a escuta que não pertence ao entrevistado nem ao entrevistador. É um contar em que o real se transforma num componente de uma espécie de fabulação, onde os personagens formulam algumas ideias, fabulam, se inventam, e assim como nós aprendemos sobre eles, eles também aprendem algo sobre suas próprias vidas (COUTINHO, 2008, pág. 66).

Não há intenção em distinguir o que é real ou fictício; as histórias aparecem porque alguém está interessado em ouvi-las e filmá-las, aparecem dentro e para aquele dispositivo. Há uma câmera registrando e um cineasta intervindo. Elas interessam também na sua condição de fabular; a narração também nos reinventa. Ainda assim, há a preocupação de que essas narrativas não se tornem apenas uma ficção. E isso é

afirmado quando o documentarista mantém no trabalho final os silêncios, os intervalos, as críticas. Por certo existe uma edição na construção do documentário – edição que, segundo Coutinho, é também um ato de intervenção. Ele diz que inclui na montagem final o que pode fazer pensar e não neutraliza o lugar de quem está atrás da câmera. “(...) há dois lados (...) e eles interagem. (...) explicitar as contradições e fragilidades da filmagem é um sistema de trabalho. Se eu mostro as circunstâncias de uma filmagem, estou mostrando que as “verdades” são contingentes” (idem, ibidem, pág. 71).

No Lixo eu cometi um erro. Fui entrevistar um cara que era funcionário público e que foi demitido e se vê obrigado a coletar lixo. Ele diz que voltou porque perdeu o emprego, mas ali também não estava bom. E eu comecei a me sentir mal, mas não de culpa, é que a situação é mesmo foda. Aí ele abaixou a cabeça. E se eu ficasse calado, ia acontecer alguma coisa. Daí eu iria saber algo que eu não vou jamais saber: o que aconteceria se eu não tivesse feito uma pergunta por causa do meu mal estar (idem, ibidem, pág. 76).

Interessar-se pelas razões do outro, estar disponível à riqueza que tem a imprevisibilidade dos encontros, dar espaço aos silêncios, considerar os saberes como produções de um dispositivo, estabelecer uma aproximação pela diferença são algumas pistas preciosas do trabalho de Coutinho, e que ele sinaliza como fazendo parte das condições que servem ao que lhe interessa: as pessoas enquanto contadoras de histórias. Se pensarmos no dispositivo que criamos com a Oficina da Palavra, podemos reconhecer que os fragmentos literários trouxeram à cena certas histórias e não outras, e que havia uma certa aposta ao escolhermos esses fragmentos. Estamos diretamente intervindo, dando condições para o aparecimento de algo com o dispositivo que criamos. E por isso é fundamental pôr em questão o que queremos com ele e que manejos fazemos com o que aparece a partir dali.

Fragmento: Testemunhar

A resposta certa: não importa nada. O essencial é que as perguntas estejam certas.

Mario Quintana

Melhor jeito de me conhecer foi fazendo ao contrário.

Manoel de Barros

Coralina estava indignada. Como assim não importavam as respostas certas? Ora, quando se faz uma pergunta, o que se espera é uma resposta, e de preferência uma resposta certa, não era isso? Não sabia se a interpretação dela estava certa, mas era isso o que pensava. Nós também não tínhamos a resposta certa: queríamos ouvir o que pensavam. Clarice falou sobre o filho, que não aceitava usar a bengala¹⁵. Adélia acrescentou que muitas vezes o que elas achavam que era o certo para seus filhos podia não ser o certo para eles. Hoje contamos com novas integrantes. Além de Cecília, Coralina e Raquel - o trio que costuma compor nosso grupo - vieram Lygia, Clarice, Ana Cristina e Adélia, a convite de quem já havia participado. Clarice falava do filho adotivo com grande pesar. Não sabia mais o que fazer, não tinha as tais respostas certas. Ele se recusava a usar a bengala, dizia que já tinha a sua que via e falava. Estava revoltado e por vezes agressivo. Ana Cristina contou que, apesar de seus esforços em convencer a filha, ela tampouco tinha interesse pela bengala. Um dia, um amigo lhe ofereceu para que experimentasse e ela começou a usar. Lygia lembrou que usar a bengala é também reconhecer a cegueira, e isso poderia ser um processo doloroso.

Clarice ouviu tudo atentamente. Respirou. Lygia disse que também queria dar seu testemunho; entendia que ali não era um grupo religioso, mas disse 'dar seu testemunho' no sentido de partilhar a sua experiência. Estávamos todas testemunhando aquelas histórias, criando possibilidades para que se perpetuassem, para que se transformassem em outra coisa. Falou sobre sua filha cega e sobre como era difícil para ela andar sozinha. Para ela, Lygia; depois se corrigiu - para ela, sua filha; e então afirmou o que tinha lhe escapado da primeira vez: era difícil deixar sua filha andar sozinha. Era difícil para as mães deixarem os filhos andarem sozinhos. Havia algo que também era delas nesse processo de emancipação. Nosso horário chegou ao fim e nos despedimos. Coralina tirou da bolsa uma

¹⁵ A bengala é um instrumento que traz às pessoas cegas ou com baixa visão mais informações sobre os obstáculos em seu entorno.

sacola e presenteou Raquel com uma linda e colorida pintura no tecido, que tinha feito, e linhas e agulhas de crochê, para que ela fizesse a borda - as janelas para respirar. Que, antes, precisavam ser abertas.

Referência: Pela rememoração e testemunho

A última figura de narração que gostaria de citar é a do sonho de Primo Levi no campo de Auschwitz, sonho sonhado, descobre ele, por quase todos os seus companheiros a cada noite. Sonha com a volta para casa, com a felicidade intensa de contar aos próximos o horror já passado e que ainda vive e, de repente, percebe com desespero que ninguém o escuta, que os ouvintes se levantam e vão embora, indiferentes (...) No sonho de Primo Levi, deveria ser a função dos ouvintes, que, em vez disso e para desespero do sonhador, vão embora, não querem saber, não querem permitir que essa história, ofegante e sempre ameaçada por sua própria impossibilidade, os alcance, ameace também sua linguagem ainda tranquila; mas somente assim poderia essa história ser retomada e transmitida em palavras diferentes (GAGNEBIN, 2006, pág. 55).

Jeanne Marie Gagnebin (2006), sobre a confecção dos quatorze ensaios que formam a obra *Lembrar, escrever, esquecer*, diz terem sido resultado da vivacidade do diálogo com colegas e estudantes e da procura cuidadosa pela clareza a qual permite a escrita. A oralidade que faz compartilhar as palavras no instante mesmo em que são ditas é a um só tempo viva e efêmera, e a escrita, que pode apreendê-las para que sejam perpetuadas a momentos diversos, acaba por tornar rígida a plasticidade de antes. Os ensaios que Gagnebin apresenta têm sua riqueza justamente em encontrar nesses dois modos um apoio recíproco. É entre eles, segundo a autora, que se faz a memória dos homens, e ainda que não garantam a imortalidade, cumprem o importante papel de testemunhar “o esplendor e a fragilidade da existência, e do esforço de dizê-la” (Gagnebin, 2006, pág. 6). Isso exige um duplo trabalho: o de não deixar cair no esquecimento as falas que precisam ser ouvidas, e de deixar esquecer, diante do apelo do presente, o que a atividade intelectual já acumulou e desdobrou sobre si mesma. “Ouvir o apelo do passado significa também estar atento a esse apelo de felicidade e, portanto, de

transformação do presente, mesmo quando ele parece estar sufocado e ressoar de maneira quase inaudível” (idem, ibidem, pág. 12).

No capítulo *Memória, história, testemunho*, a autora resgata a importância da transmissibilidade da palavra. Ganabin (2006) encontra em textos benjamianos a constatação do fim da narrativa tradicional, ou seja, da experiência que através da palavra era passada de geração a geração, e assim perpetuava a tradição de uma comunidade – não no sentido estático, mas da criação da história de um povo, de algo que se tornava potente no contar e recontar. Mas desse fim recolhe-se um outro tipo de narração, uma narrativa de cacos, que se faz aí mesmo, entre as ruínas. É então lembrada a figura do catador de sucatas e lixo, alguém que, recolhendo os restos, não deixa que eles se percam.

O narrador seria uma espécie de catador de restos, despreocupado em elevar os atos a grandes feitos, mas investido em não deixar que o passado seja esquecido, e assim a história de um povo, recolhendo tudo aquilo que não coube na história oficial. E por que isso tem importância? Porque estaríamos assim aproximando a história da experiência, aproximando a História das histórias, evitando que se incorra na repetição vazia de um passado desencarnado. Ganabin desliza para o conceito de comemoração do passado, como se faz nas paradas militares, para o de rememoração, onde ao invés retornar àquilo “que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalçado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras” (idem, ibidem, pág. 55). Nesse caso, não se trata de uma repetição inócua do passado, mas algo sobre o qual se tira consequências para o presente. O narrador estaria testemunhando a história do outro, oferecendo a escuta à narração das experiências, muitas vezes insuportáveis, e levando adiante suas palavras - “não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão

simbólica, (...) somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente” (idem, *ibidem*, pág. 57).

Fragmento: Um galo nada tece sozinho

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

“Tecendo a manhã” - João Cabral de Melo Neto

A chegada foi se dando aos poucos, nas presenças que uma a uma ocupavam as cadeiras e nas conversas sobre o tempo e tudo mais. Conversas coletivas e despreocupadas, que cuidam de estabelecer laços e assuntos comuns entre as pessoas que ali estão. E talvez seja assim que se constituam os laços: na partilha, no corriqueiro. Distribuímos o poema de João Cabral de Melo Neto, “Tecendo a manhã”. Era o segundo encontro que Hilda participava. Ela frequentava o Instituto porque há alguns anos convivia com a baixa visão. A Oficina da Palavra tinha como proposta original construir um espaço para os acompanhantes de pessoas que faziam alguma atividade no IBC. Mas o que se dava de fato era um espaço aberto a quem desejasse estar ali. Depois da leitura do poema, um grande silêncio. Raquel disse que não tinha entendido nada, todas concordaram. A conversa enveredou pelas histórias dos bichos que cada uma tinha ou já teve em casa. Galinha, pato, coelho - coelho é terrível de se ter em casa! Engraçado ver os outros destinos para o poema de João Cabral que nada tinham a ver com nossa intenção em levá-lo. As surpresas. Raquel nos cobrou explicações, não escaparíamos dessa vez. Perguntamos se alguém tinha galo em casa ou se já tinha ouvido como, quando um canta, o outro de longe responde. É verdade, era assim mesmo. Nenhum galo fazia nada sozinho, e foram aparecendo algumas explicações sobre a importância do outro, mas mais como uma moral que deveria ser tirada da história, talvez porque ainda insistíssemos no nosso destino para o poema. Mas a riqueza de um grupo é que ele retece os tropeços dos coordenadores. Mais interessante que a moral foram as próprias histórias que

surgiram. Ana Cristina falou de sua indignação com os desrespeitos praticados pelos motoristas de ônibus. Não se calava diante disso, e esperava que, quando sua filha estivesse sozinha e algo semelhante lhe acontecesse, também outras pessoas se levantassem para falar. Os galos que cantam juntos para serem ouvidos. Hilda contou das estratégias que criou para andar sozinha nas ruas, para fazer suas redes com as quais poderia contar e avaliar quando não poderia. O cumprimento ao motorista, o falar alto, o perceber a intenção do toque. Raquel também disse das que constrói para dar aos filhos instrumentos para seguir, pois pensa que em algum momento eles precisarão fazê-lo sem que ela esteja por perto. Às vezes combinam de sentar longe no ônibus e depois conversam sobre os acontecidos. Estratégias para tecer as redes e os amanhãs.

Fragmento: É preciso partir

Se estava com medo? Mais que as espumas das ondas, estava branco, completamente branco de medo. Mas, ao me encontrar afinal, só e independente, senti uma súbita calma. Era preciso começar a trabalhar rápido, deixar a África pra trás, e era exatamente o que eu estava fazendo. Era preciso vencer o medo; e o grande medo, meu maior medo na viagem, eu venci ali, naquele mesmo instante, em meio à desordem dos elementos e à bagunça daquela situação. Era o medo de nunca partir. Sem dúvida, foi o maior risco que eu corri.

"Cem dias entre céu e mar" - Amyr Klink

Coralina foi a primeira a chegar e, dessa vez, não reclamou disso. Reclamou do tempo - estava muito frio e chuvoso e nós éramos muito corajosas de estar ali. Então ela também era, ela também estava ali. Deu risadas. O trecho escolhido para o dia era de um livro do Amyr Klink. Depois da leitura, Hilda, que tinha baixa visão, tomou a palavra e disse que era isso mesmo, que o mundo era o mar, com todos os seus riscos e perigos, mas era preciso partir. Ela vivia com a irmã, que assumiu a responsabilidade por todos os seus cuidados até o dia em que precisou ser hospitalizada e não resistiu. Hilda havia nos contado desse momento, em que saiu do hospital sem saber como voltar pra casa. Estava morrendo de medo, mas *tinha que sair*. Coralina, que parece ouvir as falas de Hilda com um misto de encantamento e horror, estava em silêncio. No último encontro disse com indignação dos profissionais que insistiam que ela 'tinha que' deixar a filha fazer sem a sua interferência. Não era de uma hora pra outra - se queixava. Lygia trouxe as angústias e preocupações de quem já começava experimentar isso, mas também entendia o quanto o 'deixar partir' era

importante. Começou a esperar a filha voltar do IBC no ponto de ônibus perto de casa. O motorista se confundiu, parou um ponto à frente - era preciso lidar com isso também, para os dias seguintes. Hoje estava ali porque, para a filha, manejar a bengala e o guarda-chuva ainda pedia mais prática. Mas as esperas têm sido assim, agora no ponto de ônibus. No fim da Oficina, Lygia nos apresentou sua filha, que contou das novas experiências e que ainda tinha muito medo de andar sozinha. Mas era preciso partir. Com medo e coragem.

Referência: Guiar e ser guiado

Narro para vocês um episódio que me foi contado por José, um homem de 50 anos, cego há pouco mais de dois anos. É uma narrativa sobre fronteiras: as que separam e desenharam os limites do guiar e do ser guiado (...). José ficou cego já adulto. Durante muito tempo, caminhou pelas ruas do Rio de Janeiro apoiado nos braços de sua mãe. Ele, guiado. Ela, guiando. Ela, vendo. Ele, sem ver. A aprendizagem do uso da bengala não foi processo fácil, nunca é. Há que se fazer um corpo capaz de ser afetado pela bengala. Um corpo que confia no tato, nos sons, nos odores, que se choca aqui e ali com alguma coisa que a bengala não alcançou, que, aqui e ali, pergunta se o ônibus que parou no ponto é mesmo o que se espera, enfim, um corpo que precisa ir mais longe do que o alcance do braço da mãe.

Dona Rita, mãe de José, temia que o filho andasse pela rua sozinho, sem seu braço, longe de suas vistas. A bengala não seria tão capaz de protegê-lo dos perigos do mundo quanto ela o fazia. Mas, um dia, José resolveu que era a hora de sair de casa com a bengala. E foi. Sua mãe não foi consultada sobre a decisão do filho e, tendo percebido que ele saiu de casa, vai atrás dele, silenciosa, a vigia-lo, a cuidar para que o seu olhar seguisse protegendo o filho dos perigos do mundo: uma queda, o encontro imprevisto com a maldade humana, um buraco na calçada, um orelhão pelo caminho. (...) José ouviu o bom dia caloroso do motorista e ouviu, logo a seguir, o silêncio da palavra não dita pelo motorista. Imediatamente José se dá conta da presença de sua mãe. O motorista ia cumprimentá-la, mas nada diz, ao ver o gesto da mãe ao levar o dedo indicador à boca, pedindo ao homem silêncio e cumplicidade. Foi este silêncio que José ouviu. Sua mãe, até então invisível, tornou-se visível: a palavra não dita, o gesto não visto, mas intuído, a respiração suspensa do motorista, o alívio da mãe com a cumplicidade instalada. Tudo isso, fez com que Dona Rita fosse visível também para José. Ele aquiesceu. Consentiu com o silêncio audível da presença de sua mãe. Aquele, sem dúvida, seria um percurso inédito, pois que era o silêncio que ele ouvia, era da cumplicidade que sua mãe surgia visível. Ao chegar no ponto onde deveria descer, José, avisado pelo motorista, desce do ônibus. Sabe ser visto pela mãe. Com sua bengala, ele não hesita em seguir em frente, agora ele guiando os passos de sua mãe. Pode senti-la atrás dele. Aquele olhar que lhe chega pelas costas, com o qual ele aquiesceu, talvez seja o fio tênue que lhe dá confiança para seguir, agora guiado por seu tato, pelos sons, pelo toc toc da sua bengala. José podia guiar os seus passos e os de sua mãe. O olhar, que durante tantos anos o guiava, agora lhe chegava pelas costas. À frente, a bengala e o mundo que com

ela se descortinava. (MORAES, 2012)

Eram comuns as boas conversas que nos guiavam do IBC até o ponto de ônibus, ao fim de cada reunião de pesquisa. Algumas dessas conversas faziam caminhos mais longos, passando por uma bebida quente ou gelada, e de tão boas que não preocupavam por se demorar mais. E com elas sempre aprendi preciosidades, sobre o trabalho, sobre as pessoas, sobre a vida. Lembro de um dia estar com a Márcia Moraes numa dessas conversas-caminhadas e de estarmos falando sobre a escrita e o trabalho de orientação. E ela me contava as delicadezas desse trabalho, que não significava somente a recomendação de leituras e sugestões de mudança no texto. Significava ouvir e negociar com cada um e seu processo de escrita, que nunca se dava sem angústias e percalços, em episódios recorrentes ou singulares. Os pânicos que paralisam as palavras, as particularidades nos estilos, as persistências, as desistências, as reviravoltas. Um desafio esse o de orientar, de ajudar a construir caminhos, mas os quais resistem, mudam de rumo, são vivos, e que inventam outros caminhos. Guiar e ser guiado.

Pedi à Márcia que me enviasse o texto que ela mais tinha gostado de escrever. Respondeu com dois anexos (e uma exclamação por esse curioso pedido); num deles, uma carta, que atendia a uma proposta de um grupo de pesquisadores do qual fazia parte. A carta teria um destinatário escolhido pelo redator. A sua, “aos alunos com quem estive e estou nas disciplinas de metodologia de pesquisa”:

Não é raro que as pessoas a minha volta torçam o nariz quando digo que me encanto com a metodologia da pesquisa. Mas, afinal, o que há de encantador na metodologia da pesquisa? De um lado, as perguntas que vocês me fazem e que via de regra me interpelam num ponto de não saber. E é justamente por aí que nosso encontro me move e co-move. Estar perto de vocês quando a inquietação de suas pesquisas lhes causa desassossego: o desassossego do pensar. De outro lado, vivo a metodologia da pesquisa como questão que corta a carne. Me explico: é que muitas vezes, pensa-se que método de pesquisa diz respeito apenas ao campo do conhecimento e de suas regras. Neste caso, o método se confunde com o protocolo, com um caminhar cujo roteiro é definido desde a partida. Sim, talvez para algumas pesquisas o método seja

assim conceituado. Mas não é neste registro que tenho tocado as pesquisas que realizo. É que tomo o método como um modo de fazer política, isto é, discutir sobre método de pesquisa é lidar com modos de estar com outros, com uma certa maneira de compor o mundo em que vivemos e de articular o “nós”. E é justamente o desejo de engajar-me numa certa composição de mundo que me leva, insistentemente, a voltar para as aulas de metodologia e para a prática da pesquisa (idem, ibidem).

E nas trajetórias de uma certa composição de mundo com a pesquisa, apresentava um método intitulado por *pesquisarCOM*, que levaria em sua bagagem três itens fundamentais: a) o outro com o qual se investiga não é tomado por passivo, mas como sujeito potente e que interessa por seu fazer; b) os mal entendidos são de grande relevância e, se seguirmos suas pistas, novas versões de mundo podem surgir; c) *pesquisar* e *intervir* não podem ser desvinculados, visto que *pesquisar* é fazer existir certos mundos, é contornar fronteiras, questioná-las, alargá-las. Não é seguir no encaixe das essências, mas justamente daquilo que varia – no modo como o cegar aparece no cotidiano e nas pequenas articulações da vida das pessoas, no caso da pesquisa que atualmente lhe move. E ainda aí, o que conta no estabelecer fronteiras entre eficiência e deficiência, sendo as fronteiras sempre resultantes de certas concepções de mundo. Uma delas demarca e localiza a deficiência no corpo, mas se pensarmos nos arranjos que são feitos localmente, em cada história, veremos que esse corpo (como todos os outros) se conecta com uma série de outros elementos e não pode ser entendido longe dessas conexões.

Assim, não é mais no limite da pele que se faz a fronteira do corpo, mas nas suas mediações, nas suas associações com os mais díspares e heterogêneos elementos: bengalas, regletes, ombros, cães guia, pisos táteis, e muitos outros atores performam e fazem existir de um ou de outro modo o que conta como eficiência e deficiência. Com quantas mediações é feita a sua eficiência? Em que arranjos ela se tece? Com que elementos ela te faz fazer coisas como andar, falar, amar, criar filhos, molhar as plantas? (idem, ibidem)

Com que conexões conta a sua escrita?

Fragmento: O grupo

O começo é sempre hoje.

Mary Shelley

O que importa na vida não é o ponto de partida, mas a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher!

Cora Coralina

O saber se aprende com os mestres. A sabedoria, só com o corriqueiro da vida.

Cora Coralina

O retorno no segundo semestre foi de reencontros. Nos corredores, notícias chegavam de pessoas que participavam do grupo, que já haviam participado, que iriam no encontro de hoje ou que já estavam de partida. Raquel disse que precisaria pegar a filha na escola, que as coisas estavam "mais ou menos", que tentaria ficar na próxima semana. Não ficou, em nenhuma semana seguinte. Algo que retorna a nós, para pensarmos sobre Raquel. Janelas foram abertas para respirar, mas talvez não tivéssemos ouvido com mais atenção sobre as celas abafadas. Talvez fosse preciso abrir mais espaços a isso também. O grupo foi pensado para quem ficava à espera nos corredores. Fomos descobrindo, nas falas que eram trazidas, que naqueles espaços de passagem muitos encontros se davam. Pessoas se conheciam, fortaleciam vínculos, trocavam informações, cuidados, fofocas, notícias. Avistamos Ana Cristina de longe e sinalizamos o começo do grupo. Ela chegou acompanhada de Chico, que estava no IBC há duas semanas, inscrito na Reabilitação. A Oficina foi pensada para os acompanhantes, mas esteve aberta a receber quem quisesse participar. E foi dessa forma que Chico e Hilda, que estavam matriculados como reabilitandos no IBC, chegaram. O grupo acolheu Chico de uma forma muito bonita, dirigindo-lhe palavras que funcionaram como incentivo diante das dificuldades dos primeiros dias. Ele falou também de outras dificuldades, advindas da baixa visão. Ainda conseguia ver formas, mas que muitas vezes falseavam. Às vezes via tudo de uma cor, às vezes de outra; dias acordava enxergando um pouco mais, noutros nada conseguia ver. O resquício da visão dividia a atenção da bengala, e sem confiar nem em um nem em outro, acidentes aconteciam. A voz de Ana Cristina embargou. Na fala de Chico disse encontrar um entendimento para algumas atitudes da filha, que tinha baixa visão e com quem a relação era muito difícil. No confuso das frases, compartilhava algo com Chico. Contou que ele tinha uma voz muito bonita, dissemos que podia mostrar, se quisesse, e ele, que chegou

amparado, a passos inseguros e frágeis, cantou. Sua voz tinha espaço e certezas. Chico emprestava à voz embargada de Ana a sua própria, e Ana lhe emprestava os passos.

Referência: Compartilhar

Conheci Analice Palombini nos corredores da UFF. Visitava-nos para participar de duas bancas da pós-graduação (Analice leciona e mora no sul) e, alertada sobre isso, me pus a esperá-la entre uma e outra com as cópias do meu texto em mãos. Mas por distrações que me são comuns, perdi-a de vista e só fui encontrá-la quando já se preparava para a próxima banca, e eu, esbaforida e atordoada, fui me apresentar. E a apresentação foi desse jeito: esbaforida e atordoada. Sou Luciana Franco, orientanda da professora Márcia Moraes, te escrevi um email falando do meu projeto, você vai participar da minha banca, esse aqui é o texto da qualificação. Saí de lá me perguntando o que ela teria pensado de mim e torcendo para que as palavras que lhe entreguei tratassem de me redimir. Tão atordoada foi minha chegada e tão cheias de bancas e compromissos são agendas na academia que resolvi mandar um email reiterando as informações, agora escritas. Então recebi sua resposta, dando boas risadas desse nosso curioso encontro e me tranquilizando sobre saber quem eu era. Ela temia ter parecido distraída em excesso (o que pra mim seria mais uma afinidade que um estranhamento) quando perguntou sobre a data que nos encontraríamos, mas garantiu ser essa sua única dúvida e novamente agradeceu pelas informações completas. Semanas depois, recebemos seu parecer.

Havia ali observações muito valiosas sobre o texto e indicações de outras leituras importantes. E na primeira página, palavras que justificavam o que poderia ter parecido uma distração sua, e que na verdade era a experiência de um grande aturdimiento. A vida havia feito um de seus cortes – passava pela experiência de uma perda sem palavras. E

foi assim que Analice fez a leitura do texto, e foi assim que começou seu parecer: partindo das vulnerabilidades, mas enquanto potência positiva. Vulnerável, ela disse, pegando emprestado o conceito da colega Bianca Sordi Stock¹⁶, “é aquele que se apresenta aberto ao outro, aquele que é suscetível ao que vem do outro”. E isso me trouxe sossegos. Porque geralmente o que se quer tirar da vida são as vulnerabilidades, as incertezas, os ensaios, as angústias. É isso que às vezes eu gostaria de tirar. Mas é aí que somos afetados pelo outro, que podemos nos recompor, que nos colocamos questões. Aí que não nos tornamos indiferentes à própria vida.

As experimentações de escrita que nos interessam partem também desses movimentos, e por isso se fazem tão potentes. Um bom exemplo vem da própria Analice Palombini, junto com Rita Barbosa, Tanise Fick, Gabriel Binkowsk (2010), no artigo *Cuidando do cuidador: da demanda de escuta a uma escrita de si*. Os autores contam a experiência de uma oficina de escrita oferecida a profissionais e usuários da atenção psicossocial, com a proposta de levar ao papel as histórias sobre o cotidiano de um Serviço Residencial Terapêutico¹⁷. Assim se criava um registro histórico desse importante momento, em que pessoas deixavam grandes instituições manicomiais para ocupar outro lugar na sociedade, ao tempo que diversas formas de cuidado surgiam no compartilhar, escutar e escrever as narrativas.

A escrita como exercício de um cuidado de si mostrou-se indissociável dos processos de vida. Estes forçavam sua passagem entre as linhas do papel, emprestavam suas formas à forma do texto. É assim que, no texto escrito por Marco, sobre ser acompanhante terapêutico, uma certa passagem perdia a marca de seu estilo, claro e direto, sempre feito de frases simples. A leitura

¹⁶Dissertação de mestrado “A alegria é a prova dos nove: o devir-ameríndio no encontro com o urbano e a psicologia”.

¹⁷Os serviços residenciais terapêuticos “são moradias ou casas inseridas, preferencialmente, na comunidade, destinadas, prioritariamente, ao cuidado da população que, por muitos anos, viu-se alijada da sociedade, atrás dos muros dos hospitais, sem direito a habitar a cidade” (Palombini, Barbosa, Fick, Binkowsk, 2010, pág. 254).

ficou truncada, as ideias confusas. As várias sugestões feitas pelos participantes da oficina na tentativa de tornar mais legível o texto não tiveram resultado. Na conversa, a dificuldade então se revelou: Marco queria contar-nos da importância do trabalho em equipe e de como às vezes os orgulhos atrapalham o exercício compartilhado de um cuidado, produzindo sofrimento. As palavras escritas embaralharam-se como os afetos presentificados na convivência diária entre os trabalhadores. O trabalho com o texto precisou ser retomado no encontro seguinte. No esforço de desfazer e refazer esse pedaço da escrita, era a experiência de equipe em si mesma que se refazia (PALOMBINI, BARBOSA, FICK, BINKOWSK, 2010, pág. 258).

Os textos eram previamente escritos por um dos participantes e lidos coletivamente, sendo aberto às rearrumações, comentários e passando em seguida ao trabalho de uma revisão minuciosa. Demorar-se nesse trabalho não era apenas afirmar a legitimidade das ideias do autor, mas compartilhar sua experiência e fazê-la circular no grupo. O saber suposto à academia, representada pelos pesquisadores, foi se distribuindo no coletivo à medida que as narrativas eram levadas e discutidas, e a frequência tímida da apresentação dos textos rapidamente foi desfeita, abrindo também espaço para as intervenções no material que era trazido, inclusive pelos próprios pesquisadores.

Já no texto de Beatriz, contando da passagem do hospital para o Morada e de como, nessa passagem, celebrou-se o casamento de antigos namorados que agora passavam a viver juntos, uma palavra se repetia com uma frequência que soava mal aos ouvidos: “tranquilos”, era o termo de que se valia o texto para descrever a forma como o casal ia experimentando sua nova condição de vida. Beatriz recusava as sugestões de substituir o termo por outro equivalente, no intuito do grupo de evitar as repetições. Dizia “tranquilo é tranquilo mesmo”. Ponto final. Foi Vera, sua colega, com muitos anos também de trabalho no hospital psiquiátrico, e profunda conhecedora das suas engrenagens, quem esclareceu o mistério: “tranquilo” remetia ao efeito tranquilizante dos medicamentos fartamente utilizados no contexto do hospital para produzir a calma esperada. “Tranquilo” era a senha que, junto com “sem intercorrências” compunha, folha por folha, os prontuários de pacientes pacificados, esvaziados de desejo em internações sem fim. A palavra, então, carregada de um sentido que nos escapara, foi mantida no texto (idem, ibidem, pág. 258).

As experiências narradas passavam de um eu pessoal à sua dissolução no coletivo, à medida que produziam interferências e contágios nos outros participantes que

testemunhavam a partilha de cada texto. Uma delas escreveu sobre suas aflições quando um morador desapareceu num balneário onde o residencial terapêutico alugou uma casa para a temporada de verão. O texto trazia seu desespero, os desassossegos da busca, os pensamentos ruins que lhe tomavam, até, por fim, o reencontro. Os afetos carregados naquela vivência trouxeram à palavra outras semelhantes, em novas vozes, despertando questões surgidas pela proximidade entre os cuidadores e os residentes das moradias e o que atravessava esses laços. São as histórias refazendo a si mesmas, a seus narradores e testemunhas.

Fragmento: Diário de campo

A cada encontro das oficinas oferecidas pelo projeto Perceber sem Ver fazíamos registros no diário de campo. Esses escritos ganharam diferentes contornos ao longo dos anos de pesquisa, passando de anotações lineares sobre cada passo e exercício proposto, que descreviam as atividades e recolhiam algumas falas, à inclusão das afetações do observador, do escapava à própria Oficina, dos manejos e negociações que se davam a todo tempo. Pensávamos e discutíamos esse instrumento recorrentemente, para que apontasse sempre no mesmo sentido da direção ética da pesquisa, ao passo que ele mesmo nos dava indicações dessa direção. Essas artimanhas e arrumações, colhíamos numa escuta-escrita, no registro que era feito durante o trabalho e lido na reunião da pesquisa, despertando outros dizeres e, de muitas formas, retornando aos integrantes da Oficina. A escrita orientava as ações e nos colocava reflexões, e era a partir daí que os próximos encontros podiam ser planejados e que própria pesquisa continuava sendo construída: considerando as pistas que nos forneciam os participantes e os outros atores

envolvidos no trabalho. Entendíamos que o pesquisador não era isento ou distante do que pretendia investigar: ele participava diretamente dos efeitos que a sua presença (ou ausência), sua escuta (ou impossibilidade de ouvir), seus investimentos (ou recuos) produziam. Por isso, os registros no diário de campo não podiam se dar de outra maneira senão incluindo esse pesquisador.

Referência: O diário íntimo e a narrativa

A construção de uma dissertação é feita a muitas mãos. Talvez aqui apareçam as palavras digitadas pelos dedos dessa que escreve a vocês, mas para que elas surgissem foram muitas as conversas e leituras cuidadosas feitas por amigos e orientadores (e por que não amigos-orientadores?), que interviram de boas maneiras e sugeriram outros parceiros interessantes ao trabalho. Como foi com o capítulo *O diário íntimo e a narrativa*, do Livro do Por Vir, de Maurice Blanchot (2005), indicado pelo professor Luis Antonio Baptista. Conhecia-o das estradas da graduação na UFF, e agora ele participava de minha banca de mestrado – não por acasos ou coincidências. Luis Antonio é um amante da escrita – e isso declaro com uma certa timidez: assim nos sentimos ao emprestar paixões aos que em breve saberão desses empréstimos. Mas assim o vejo. E ainda que sempre o visse de longe, era ali, envolvido com as questões da escrita, colhendo do mundo uma escuta literária – percebam então meu contentamento em tê-lo nessa banca.

E o que diferenciaria o diário íntimo da narrativa, segundo Blanchot (2005)? Enganam as primeiras linhas que o autor discorre sobre o assunto no capítulo VIII do Livro por vir. O que poderia sugerir um elogio ao primeiro, “que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades” (BLANCHOT,

2005, pág. 270), é antes um alerta aos perigos da exaltação de um eu. Ao diário tudo parece interessar: comentários dignos ou desprezíveis, acontecimentos de todo tipo, da maneira e na ordem que for conveniente. Há, no entanto, que se cumprir uma cláusula: a obediência ao calendário, que o inspira, o desperta, o vigia. Manter um diário íntimo é também se proteger na regularidade do cotidiano, dos dias comuns se seguem uns aos outros. Também se faz ali um compromisso com a verdade, com a qual não se pode faltar num diário. Nessas amarrações não cabe algo muito precioso à narrativa: o acaso, o fortuito, que leva aquele que segue a “entrar nos desvios mais perigosos” (idem, *ibidem*, pág. 271). Nada é mais estrangeiro ao cotidiano que o acaso, abrindo a vida às suas turbulências. O diário, ao contrário, prevê comodidades: tem-se sempre algo a dizer dos dias que preenche os silêncios e ainda o não ter nada a dizer. Diz-se sobre o nada e assim pensa-se dizer alguma coisa. E como num livramento, depositam-se nele as angústias e desassossegos, “num diário tagarela em que eu se derrama e se consola” (idem, *ibidem*, pág. 273). A escrita promete a salvação da esterilidade dos dias, mas é aí mesmo onde se cai.

O que chamo de diário de campo e que aparece ao longo do presente trabalho, nos trechos em que chamo “fragmentos”, foi construído numa maior proximidade com a narrativa, na tentativa de despreocupar-se em detalhar o cotidiano dos dias para abrir-se ou estar mais disponível ao corte “no tecido dos acontecimentos” (idem, *ibidem*, pág. 272). Estava interessado em perseguir esses momentos mais que encadear eventos ou buscar-lhes uma continuidade. E se algum instante serviu como amparo às angústias que os encontros em campo produziam, era também uma intervenção ao próprio modo de intervir. Era uma escrita inventiva, a fazer existir os vãos e as riquezas do que se passava e daí colher pistas para os próximos manejos. Um diário que não era escrito para mim, que colocava em questão o que deveria ser dito ou não, que produzia outras ações. E por

isso, um diário que se desprendia de um eu encharcado de si. Se caí nas seduções do diário íntimo, tive generosos interlocutores a me colocar questões. E o mostrar nossa escrita ao mundo já é, de alguma forma, abri-la ao acaso.

Fragmento: Refazeres

Hilda estava num desconforto. Depois das introduções corriqueiras das conversas, chegou ao que estava lhe incomodando: uma situação ocorrida pela manhã, quando se levantou da cadeira com Ana Cristina a já querer pegar-lhe a mão e orientá-la. Pediu para que deixasse - podia fazer sozinha. Teve a impressão de que Ana Cristina ficou chateada, mas insiste que ela precisa aprender a deixar que as outras pessoas façam por elas mesmas. Hilda defende que, no IBC, todo cego deveria andar sozinho. Que o acompanhante deveria chegar apenas até a porta e voltar mais tarde para buscá-lo. Que ali dentro deveria ser para que todos experimentassem e aprendessem. Ana Cristina apareceu na fresta da porta, quase no fim do encontro. Se desculpou, estava com a cabeça cheia de coisas naquele dia. Hilda retomou a situação de hoje pela manhã, compartilhando sua impressão sobre ter deixado Ana Cristina chateada. Ela confirmou, disse que estava apenas cuidando para que Hilda não tropeçasse. Hilda falou novamente sobre a importância de deixar que os cegos realizem atividades sozinhos. A partir das histórias que surgiram, fomos pensando sobre quando e como ajudar. Talvez perguntar se o outro precisa de ajuda antes de precipitar um fazer. Ana Cristina lembrou de um rapaz de lá, que sempre que a percebia, colava com ela. Mas vivia contando das noitadas que fazia e ela pensou que nessas não tinha ninguém que o ajudasse. Depois disso, parou de servir de bengala. Hilda vibrou: "tá vendo, você já está aprendendo". Talvez Hilda estivesse criando brechas em Ana Cristina, mas parecia que o inverso ainda não se dava. Mas as mudanças no acompanhar também eram difíceis, um processo, Ana Cristina dizia. São muitos os afetos que nos acompanham.

Referência: Ser afetado

A antropóloga francesa Jeanne Favret-Saada (2005) recoloca a experimentação do afeto no trabalho de pesquisa como a condição de entrada no campo. No artigo *Ser*

afetado, onde relata sua investigação sobre feitiçaria no Bocage francês, diz que nas pesquisas em antropologia (e de alguma forma nas ciências humanas em geral) só restavam dois destinos ao afeto: ser considerado como produto de uma cultura, e desconsiderado fora dela, ou desaparecer através da representação. O que aparece a partir disso são teorias que buscam um “entendimento”, onde Favret-Saada propõe que resurja a “sensibilidade”. Isso porque, na época em que deu início a esse trabalho, os modos utilizados para interrogar mantinham o pesquisador distante, o qual se servia dos dados observados para análise à luz de seus próprios conceitos, preservados. Esses pesquisadores restringiam suas investigações a uma só questão (as acusações sobre a autoria das feitiçarias) e não se perguntavam sobre as tantas outras que poderiam ampliar e fazer surgir aberturas no campo. “Como se pode ver, todas essas confusões giram em torno de um ponto comum: a desqualificação da palavra nativa, a promoção daquela do etnógrafo” (FAVRET-SAADA, 2005, pág. 156). E, assim, estabelecia-se uma “Grande Divisão” entre o eles, que ainda vivem sob crenças arcaicas, e o nós, que não acreditamos mais nessas coisas (e de onde o etnógrafo fala). O que a antropóloga traz de tão rico em sua pesquisa é que os entrevistados, já sabendo dos efeitos e lugares que essa divisão produzia, recusaram-se a pactuá-la. “Feitiço” – disse um deles – “quem não pegou não pode falar disso (idem, ibidem, pág. 157)”.

Pois então, eles falaram disso comigo somente quando pensaram que eu tinha sido "pega" pela feitiçaria, quer dizer, quando reações que escapavam ao meu controle lhes mostraram que estava afetada pelos efeitos reais — frequentemente devastadores — de tais falas e de tais atos rituais. Assim, alguns pensaram que eu era uma desenfeitiçadora e dirigiram -se até a mim para solicitar o ofício; outros pensaram que eu estava enfeitiçada e conversaram comigo para me ajudar a sair desse estado. Com exceção dos notáveis (que falavam voluntariamente de feitiçaria, mas para desqualificá-la), ninguém jamais teve a ideia de falar disso comigo simplesmente por eu ser etnógrafa (...). Na verdade, eles exigiam de mim que eu experimentasse pessoalmente por minha própria conta — não por aquela da ciência — os efeitos reais dessa rede particular de comunicação humana em que consiste a

feitiçaria. Dito de outra forma: eles queriam que eu aceitasse entrar nisso como parceira e que aí investisse os problemas de minha existência de então (FAVRET-SAADA, 2005, pág. 157).

Não se tratava apenas de observar ou entrevistar; a participação se fazia necessária. Das afetações nos encontros com os enfeitados e desenfeitadores, a pesquisadora produzia um registro, uma crônica – não como um diário íntimo, onde se segreda em liberdade confissões pessoais, mas despertado pelas vivências. Algumas dessas afetações eram tão intensas que bagunçavam a memória, as narrativas e os lugares que ocupava, já que também era convocada a intervir. Mas participar não significava sentir empatia, tentar colocar-se no lugar do outro, imaginar suas percepções ou identificar-se com ele. Participar era ocupar seu próprio lugar no sistema da feitiçaria e dali ser afetada. Foi desse lugar que se abriu a outros modos de comunicação, às conversas espontâneas, ao que não era possível verbalizar, aos tantos elementos que atravessavam esse sistema. Era preciso lançar-se a esse risco, expor e refazer ao longo do caminho o próprio pesquisar.

Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar -se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar -se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada (idem, ibidem, pág. 160).

Fragmento: Convivendo

Hilda chegou com passos mansos, avisando sobre o evento que acontecia no Benjamin e por isso a Oficina vazia. Parecia ter ido só pra dar o recado, mas encontrou uma cadeira e duas ouvintes e pôs-se a explicar fatos e atos. De repente lembrou que alguém estava à sua espera no corredor. Chamou para que entrasse: era Ruth, que Hilda nos

apresentou como 'aquela que a colocou diante do andar sozinha na rua'. Ruth já estava no IBC há tempos. Segundo ela, foi uma das que inaugurou a Convivência, um espaço para quem já ultrapassou os dois anos da Reabilitação. As oficinas que desenvolvemos estão submetidas a este setor, responsável pelas atividades oferecidas para a construção e aprimoramento de habilidades importantes para a vida diária, como o uso da bengala e a realização de tarefas de casa. Encontramos grandes parcerias que apoiaram o trabalho, mas esbarramos também nos moldes adotados para entender o que é reabilitar. E ainda, sobre quando já se está reabilitado - processo que tem o prazo de dois anos para acontecer. Após isso, é obrigatório o desligamento do setor. Questões delicadas, também atravessadas pelo institucional, com suas longas filas de espera e vagas que precisam ser disponibilizadas. Foi então criada a Convivência para aqueles já haviam cumprido seu tempo na Reabilitação, e hoje conhecemos Ruth, que participou da abertura desse espaço. O IBC acaba se tornando um lugar de encontros e de vínculos que foram sendo fortalecidos. Difícil findar com esses laços porque um tempo já acabou - um tempo estabelecido em cronograma. Há muito além disso.

Nesse mesmo dia, chamaram-nos a atenção. Não poderíamos acolher pessoas da Convivência num grupo oferecido a outro setor (e pensávamos quão rica se tornou a Oficina com esse acolhimento do diverso). Provamos não ter atrapalhado nenhum outro grupo no que viesse a ser um acolhimento de públicos semelhantes, mas havia regras institucionais que deveriam ser respeitadas. Nem sabíamos que Hilda era de outro setor, até esse dia - não nos importava. Negociamos para que ao menos essas participantes estivessem conosco até o fim do ano, mas elas já haviam percebido. Hilda e Ruth não apareceram mais. As grades das atividades que têm seu público específico, como é comum em todas as instituições. Mas se ignoram tudo que vai além disso, as grades fazem cárceres.

Referência: Táticas e estratégias

A palavra 'estratégia' me era muito familiar quando tecia explicações sobre a pesquisa Perceber sem Ver. Tínhamos como referências o cuidado para colher as pistas no campo, e a partir delas construir o planejamento das próximas oficinas; a escuta das estratégias (vejam só) cotidianas que apareciam no relatos dos participantes e as conexões que o trabalho despertava; o pôr em questão o próprio pesquisar, ao tomar como fundamental

as interpelações que nos eram feitas. Mas foi num capítulo do livro de Michel de Certeau (1998), *III Fazer com: usos e táticas*, que percebi o equívoco. Não se tratavam de estratégias, mas táticas. Certeau (1998) faz uma radical diferenciação entre essas duas “maneiras de fazer”, reconhecendo na primeira uma imposição a partir de modelos abstratos, mas na segunda, a capacidade de, a partir do que se impõe, selecionar fragmentos para compor uma história original. Seriam trajetórias que “circulam, vão e vêm, saem da linha e derivam num relevo imposto, ondulações espumantes de um mar que se insinua entre os rochedos e os dédalos de uma ordem estabelecida” (CERTEAU, 1998, pág. 97). As estratégias, ao contrário, fariam a partir de um exterior, de algo que desse lugar exerce uma gerência sobre as relações e assim distingui-se e encerra-se. Certeau chama isso de circunscrever-se num próprio: uma vitória, diz ele, do lugar sobre o tempo, em que a forma se sustenta frente à variabilidade das coisas e aposta-se na previsão de um futuro (um futuro cárcere). A tática seria determinada justamente pela ausência desse próprio, e por isso constituir-se-ia como num jogo de escape sobre o terreno que lhe é imposto, criando a possibilidade de um novo. É a astúcia dos manejos que fazemos ao aproveitar ou promover aberturas às criações e afirmações de outros modos de viver. E ao proliferarmos pequenas narrativas, criamos esses espaços nos discursos dominantes: a potência do recriar-se.

Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia (CERTEAU, 1998, pág. 100).

Fragmento: Cansaços

Clarice chegou com uma sacola cheia de radiografias e outros exames. Andava sentindo fortes dores no olho e acabou sofrendo um derrame. Já havia passado por esse problema antes e ela mesma havia estado uns meses sem enxergar. Clarice falou que estava muito desgastante ir ao IBC. Acabava não se alimentando bem, esquecia de tomar o remédio da pressão, e talvez por isso tivesse sofrido esse acidente vascular. Mas no continuar das histórias, contou que o que estava mesmo sendo desgastante era lidar com João, seu filho acolhido. Ele não queria largar do seu braço. Em casa, fazia tudo, mas era abrir o portão que as coisas mudavam. Falar sobre isso sempre terminava em briga. Contou que ele deixou de ir a uma atividade no Instituto porque ela não o levava até a sala. A dor de Clarice, em todo o seu comedimento, é grande. Não altera o ritmo ou o tom da voz, mas as palavras são carregadas de sentimento, assim como os olhos que começam a marear. Talvez João tenha medo da rua, talvez segurar a bengala, que ele sempre pede para que ela guarde na bolsa, seja tocar na cegueira e isso é difícil. Nas falas de Adélia e Ana Cristina, aparece a Clarice que aceita guardar a bengala na bolsa, que continua oferecendo o braço, e o João, que também deve carregar muitas dores. Clarice ficou um tempo sem enxergar, lembra o quanto foi difícil. Seria bom que ele se abrisse com uma psicóloga, Clarice pensa, mas ela não conseguiu atendimento para ele. Ficamos de ver sobre os outros grupos no IBC, mas ali era o grupo dela, o momento em que ele é quem esperava no corredor. Clarice chegou dizendo que não poderia demorar muito porque João não tinha nenhuma atividade. Ficou até o passar da hora.

*Clarice não apareceu nas duas próximas semanas, apenas na outra seguinte. Explicou que nos dias de ida ao IBC costumava acordar cedo, tomar o café preparado por João, que já lhe esperava pronto para saírem de casa. Um dia, levantou mais tarde, já sob queixas e protestos dele. Respondeu que tinha pensado e não havia encontrado motivos para despertar com o dia ainda escuro. A ida ao IBC havia se tornado um suplício, com brigas e desentendimentos entre os dois. Ela ainda fazia o esforço porque achava que ele poderia aprender coisas importantes, mas ele parecia fazer pouco caso, parecia não querer aprender nada, não lhe soltava o braço. Ela não iria mais. Passaram duas semanas. Depois disso, ele acordou cedo e preparou o café, sem chamá-la. Ela despertou surpresa, ao vê-lo arrumado pronto pra sair. Voltaram a frequentar o Instituto, ele voltou diferente.

Referência: Disseminações

No início havia o vento.

Como no princípio, bem no princípio, nestes tempos dos quais só as plantas guardaram a memória, nestes tempos em que não éramos ainda, onde nossa existência era tão pouco provável que mesmo a promessa (ou a maldição) de nossa chegada poderia ser acolhida com um riso incrédulo, se as plantas tivessem conhecido o riso e a incredulidade, o que é ainda mais incerto. Não havia animais. Somente as plantas, o vento e a água. As plantas aprenderam o vento e a água e, assim, elas começaram a viajar. Chamamos isto de disseminação (DESPRET, 2011, pág. 1).

Percorrendo uma descrição do artista plástico Bob Verschueren, sobre as tramas de parceria e sedução que as plantas estabeleceram com os personagens do mundo para poderem viajar distâncias, Despret (2011) nos relata a belas palavras o primeiro exemplo de disseminação. Tudo começou com o vento, que “ensinou que as forças da criação poderiam ser partilhadas, delegadas, dispersadas (idem, ibidem, pág. 1)”. As plantas eram levadas a peregrinações aleatórias, com a chegada da água e o sopro do vento. Vieram os animais e elas precisaram aprender a se fazer desejadas, projetando flores e frutos que, cativando os sentidos dos novos seres, tiveram suas sementes espalhadas. A leitura de Bob Verschueren sobre os fenômenos da natureza faz desse objeto de pesquisa um ser que fala. Não se trata de dobrá-lo às exigências do pesquisador, mas de exigir deste uma “escuta atenta, uma pesquisa de suas particularidades” (VERSCHUEREN, apud DESPRET, pág. 2), pelo respeito aos limites que impõe. Segundo Despret, trata-se de “deixar-se guiar pela vontade das coisas, por suas resistências, aproveitando todas as oportunidades que elas concedem, deixar-se contrariar, deixar-se surpreender (DESPRET, 2011, pág. 2)”. Trata-se de arriscar-se à experimentação. Na verdade, o que há é a captura do experimentador pelo objeto. Despret diz que, acreditando estar servindo a nossos próprios projetos, fomos capturados pelos vegetais e emprestamos nossos corpos a sua proposta de disseminação. Uma boa conclusão para nos mostrar que definir

o autor único de uma obra é uma tarefa difícil, e talvez mais que isso, infrutífera, pois o artista acolhe os caminhos e indicações dirigidas por aquilo que pede realização. O trabalho de disseminação, portanto, só pode ser feito na partilha e na constituição de parcerias, que se dá a partir da escuta daquilo que procura ser disseminado.

Fragmento: Por todos

Júlia trazia a notícia de que conversara pouco antes com Hilda, que há muito esperava nosso encontro. Mas uma amiga lhe chamou e não a vimos mais. Adélia apareceu depois de alguns minutos - nos contou sobre o casamento da filha, que a festa só foi possível com a contribuição de todos. Alguém emprestou o vestido, outro fez os docinhos e ela e uma vizinha prepararam os salgados. Cada um ajudou no que podia, e o resultado foi uma comemoração alegre e divertida. Uma festa feita por todos onde todos a desfrutaram. Contribuir e compartilhar - duas boas palavras que Adélia sempre empresta ao grupo. Ela contou que seu marido pediu a João, filho acolhido de Clarice, que o guiasse pelas escadas. São as histórias compartilhadas ali ganhando contribuições de outros atores: as boas disseminações. Fomos ao corredor procurar Hilda; não a vimos, mas encontramos Chico e o convidamos a participar do grupo. Ele mostrou uma música que havia gravado no celular, em que cantava e tocava ao piano. Uma música bonita, que trazia na letra uma mensagem religiosa. Sempre elogiamos a voz de Chico - é mesmo impressionante a potência que é despertada por aquele menino tímido quando canta. Ele e Adélia são de religiões diferentes, mas encontraram um espaço comum ao falar da fé e do que lhes tocavam. Já no finalzinho da hora, Ana Cristina chegou. Adélia tinha nos dito que Ana Cristina perdera um irmão naquela semana, e como ele morava sozinho, só constataram seu falecimento dias depois. Ana Cristina estava cabisbaixa, de fala triste. Demos um abraço - há momentos em que a perda não tem palavras. Veio a hora de encerrar nosso encontro. Ana Cristina, Adélia e Chico seguiram pelos corredores, caminhando, ao lado.

Fragmento: Costuras

Saí de casa numa pressa tão grande que só reparei o buraco na blusa quando já estava trancando a porta. Peguei agulha e linha, coloquei na bolsa e cuidei de não levantar o braço até conseguir improvisar um reparo. Cheguei ao IBC e lá encontrei Júlia. Ninguém mais havia chegado. Esperamos um pouco e, quando entendemos que seríamos só nós duas, me pus a costurar uns pontos capengas. Então uma boa surpresa apareceu, devagarzinho, num estilo já conhecido, chegando primeiro com os olhos, como a espiar o que tem detrás da porta. Rapidamente me recompus, descansei a agulha no cantinho da blusa e fui cumprimentar Ana Cristina. Ganhamos um abraço e quando Júlia disse que era meu aniversário ganhei outro daqueles que levantam a gente do chão. Ana Cristina não aparecia há muitos encontros e sempre perguntávamos por ela à Adélia e Clarice. Os recados pareciam ter chegado, e ela disse a si mesma que hoje precisaria ir “falar com as meninas”. E nos falou das tantas coisas que fazia e já tinha feito no IBC. Estava sempre ajudando nas oficinas e no que mais precisassem. Contou das habilidades que têm para trabalhos manuais, disse que uma professora a colocou como voluntária para que pudesse estar na oficina, já que era permitido apenas aos reabilitandos estarem lá. A riqueza das brechas entre as grades. E nas histórias de costura e do gostar de costurar, contou de um acidente que sofreu no ano passado, quando escorregou da cadeira enquanto cerzia uma roupa e precisou ficar quatro meses de gesso. Emagreceu mais de dez quilos, disse que entrou em depressão: não podia costurar. E falando das tantas coisas que fazia no IBC, chegou a dizer que aquilo também era a sua reabilitação. Achei isso muito interessante. Ela não estava mais ali para levar a filha a isto ou aquilo - estava ali para ela. Ana Cristina contou que a relação com a filha ainda é conflituosa, mas percebe que já mudou bastante. Eu também percebo uma mudança: de um tom agitado e bélico que muitas vezes usava para trazer suas histórias, há agora uma certa leveza nesse falar. As costuras que também fazíamos ali.

Referência: Com nossos botões

(...) a minha memória chegou o mais longe que eu já consegui fazer ela voar: eu me vi aos quatro anos, sentada no chão, a minha mãe do lado (...); e me

escutei dizendo:

-Tu ficas muito tempo sem falar.

E ouvi ela respondendo:

-Engano teu: eu estou falando.

-Falando com quem?

-Com os meus botões.

-Eu não ouvi.

-Quando a gente fala com o botão, os outros não escutam.

Foi a primeira vez que eu me lembro de ter sintonizado nessa expressão que minha mãe gostava muito: falar com os botões.

A resposta da minha mãe, quando eu disse que ela ficava muito tempo sem falar, me deixou perplexa. Não pelo fato dela falar com botão (ou com linha, ou com tesoura) – tipo da coisa natural. O que eu achei extraordinário foi minha mãe ficar assim, falando tanto tempo. Logo ela: uma mulher de tão pouca fala. A conclusão não demorou: se a minha mãe fica tanto tempo batendo papo com os botões é porque o papo é ótimo (...). E, se minha mãe fala com eles, eu também vou falar, ué.

E falei.

E falei e falei.

Mas eu falava em voz alta: afinal de contas, falar era falar. E vivia à caça de novos interlocutores. (...) Acho que um dia minha mãe ficou intrigada de ver que eu não conversava com alfinete, nem com agulha, nem com linha, e então me perguntou:

-Por que tu só falas com botão?

-Tu também, ué.

E só aí ela me explicou que aquela expressão significava falar com a gente mesma, pensar, meditar. E, outra vez, querendo imitar minha mãe, eu larguei a prática de conversar com os botões e me iniciei na prática de falar com os meus botões (BOJUNGA, 2008, pág. 56).

Não foi à toa que Lygia Bojunga (2008) intitulou seu livro de “Feito à mão”. A proposta de confeccionar essa obra do início ao fim veio dar corpo às marcas que as artesanias moldavam na sua história, e afirmar um manifesto a favor do gosto pelo fazer à mão, por vezes atropelado pelas tecnologias. A ideia era começar desde a fabricação do papel aos processos do encadernar, escrever, fazer a capa. E foi um percurso de descobertas incríveis, como sobre a história da caligrafia e o aprendizado dessa arte, à conclusão, por fim, de que seriam exigidos demorados anos para finalizar o projeto. A feitura do papel (e em quantidade), a incompatibilidade entre esse e a copiadora (que foi adotada) e o tempo que caminhava sem pausas trouxeram a realidade com todas as suas resistências aos devaneios. Mas estavam lá as 120 cópias que foram possíveis de render com todos os percalços. E o que se deu foi uma aproximação ainda maior entre a autora e

o livro e todos os personagens que participaram dessa trama artesanal. Algo que lhes estreitou laços e rendeu uma boa história de um fazer à mão: que é sempre cheio de refeições, de nós, dos caminhos, dos processos.

Confeccionar um texto é também um fazer à mão: além das mãos como meio para escrita das palavras, a artesanaria também está no fato de é preciso construí-lo – a partir de suas tantas imprevisibilidades, porque não sabemos como fazê-lo até que esteja sendo feito. Assim como no trabalho em campo, há sempre o imprevisto dos encontros; não no sentido do que saiu errado, mas do que é próprio à vida: o que não pode ser planejado. Mas não estamos sozinhos e desnudos. Carregamos uma história, com vivências, leituras, parcerias, outros encontros. Os manejos de tudo isso é que são nossas invenções, nossas artesanarias. Para esse texto, apostamos numa ideia que ajudasse a costurar essa qualidade comum às experiências em campo e à escrita, de forma a uma dizer da outra. E como autora desse texto, encontrei boas companhias nos meus percursos, algumas das quais vocês conheceram nesse capítulo. No próximo continuaremos com essas apostas em um novo campo de pesquisa: o trabalho como facilitadora numa escola da rede privada do Rio de Janeiro e seus tantos desdobramentos. Boa leitura.

Foi nesse instante que revi Ofélia. E nesse instante lembrei-me de que fora a testemunha de uma criança. (...) Eu abria a porta. Ofélia entrava. A visita era para mim, meus dois meninos daquele tempo eram pequenos demais para sua sabedoria pausada. Eu era grande e ocupada, mas era para mim a visita: com uma atenção toda interior, como se para tudo houvesse um tempo, levantava com cuidado a saia de babados, sentava-se, ajeitava os babados - e só então me olhava. (...) Ofélia, ela dava-me conselhos. Tinha opinião formada a respeito de tudo. Tudo o que eu fazia era um pouco errado na sua opinião. (...) Foi quando me pareceu de repente que tudo parara. Sentindo falta do suplício, olhei-a enevoada. Ofélia Raquel estava de cabeça a prumo, com os cachos inteiramente imobilizados (...). Diante de meus olhos fascinados, ali diante de mim, como um ectoplasma, ela estava se transformando em criança (...).

- É um pinto?

Não olhei pra ela.

- É um pinto, sim. (...)

- Um pintinho? Certificou-se em dúvida.

- Um pintinho, sim, disse eu guiando-a com cuidado para a vida.

- Ah, um pintinho, disse meditando.

- Um pintinho, disse eu sem brutalizá-la (...) Ele está na cozinha.

- Na cozinha? repetiu fazendo-se de desentendida.

- Na cozinha, repeti pela primeira vez autoritária, sem acrescentar mais nada.

- Ah, na cozinha, disse Ofélia muito fingida, e olhou para o teto (...).

- Você pode ir pra cozinha brincar com o pintinho.

- Eu...? perguntou sonsa.

- Mas só se você quiser.

Clarice Lispector – Legião Estrangeira

“Eu poderia lhes contar minhas aventuras... começando por esta manhã”, disse Alice um pouco tímida; “mas não adianta voltar a ontem, porque eu era uma pessoa diferente”.

“Explique isso tudo”, disse a Tartaruga Falsa.

“Não, não! Primeiro as aventuras!” impacientou-se o Grifo. “Explicações tomam um tempo medonho.”

Aventuras de Alice no País das Maravilhas – Lewis Carroll

“Vamos fazer de conta que somos reis e rainhas”; e a irmã, que gostava muito de ser precisa, retrucara que isso não era possível porque eram só duas, até que Alice finalmente se vira forçada a dizer: “Bem, você pode ser só um deles, eu serei todos os outros.”

Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá – Lewis Carroll

Capítulo 2

O trabalho como facilitadora¹⁸

Era meu primeiro dia no trabalho como facilitadora. Me preparei para o início das aulas - mas, dessa vez, sem uniforme ou tênis novo. Acordar às dez para as seis foi um jeito difícil de relembrar os velhos tempos, mas valeu ter chegado mais cedo para ver o pátio sendo preenchido de piques, bolas, conversas e reencontros depois das férias. Pais dando o último beijo em seus filhos e soltando as mãos para seguirem sozinhos. E lá estava eu, admirando os pequenos gestos, mas inquieta de ansiedade. Tentei me recompor - 'deixa disso, você já é adulta'. Mas, para além de mim, insistia o nervosismo das inaugurações. Encontrei outras facilitadoras em condições que se assemelhavam às minhas. Nos agarramos umas às palavras das outras, como se elas nos dessem um terreno comum naquele ainda desconhecido. Conheci Ofélia, que deu sorrisos breves, mexendo na cordinha da mochila e recolhendo o olhar para baixo. Acho que não era apenas eu a estar ansiosa. Mas em pouco tempo já começou conversas e não perdeu nenhuma oportunidade de me dar instruções. "Você tem que esperar a Alice aqui". Obedeci. Alice chegou pouco depois do aviso do sinal. Fiquei olhando o mural com fotos e histórias e conversando com o moço que fica na portaria. Ele trabalha lá desde 89; alguns prédios nem existiam naquela rua. Sabe o nome de todas as crianças e me avisaria quando Alice chegasse. Sua tia me entregou a bolsa com o computador, beijou Alice e soltou sua mão. Eu a peguei e fomos andando juntas para sala. Alice é cega congênita. Eu disse que não sabia exatamente onde era a sala, Alice me guiou.

Havia surgido a oportunidade de trabalhar numa escola, numa função que até então me era desconhecida. O trabalho era o de facilitadora – ou mediadora, como também é conhecido – e consistia em acompanhar alunos com alguma especificidade que pedisse uma atenção mais próxima. Nesse caso, eram duas meninas, Alice e Ofélia,

¹⁸ *Aqui deixo um agradecimento especial a Jô Conti, que esteve comigo nesse trabalho, ajudando a pensá-lo e a torná-lo melhor, e que continua sempre disponível às conversas sobre os impasses e encantamentos dessa experiência.

de 11 e 12 anos, que cursavam o quinto ano do ensino fundamental I de uma escola da rede privada do Rio de Janeiro. Alice, dentre as tantas coisas que era, era também cega congênita, e Ofélia, sem deixar de enfrentar os desafios, apresentava alguma lentidão no aprendizado e por vezes se embaraçava no relacionar-se com outras crianças. O fato de estar em sala, junto dessas jovens, me pareceu algo contraditório: ao passo que a figura do facilitador estaria cuidando do trabalho de inclusão, marcaria também uma radical diferença a quem estivesse sendo acompanhado. Com a entrada na escola, vi que a figura do facilitador estava presente em diversas turmas e ajudava a compor uma política de inclusão desta instituição, tornando sua presença parte da equipe pedagógica. A profissional que me antecedeu foi bastante cuidadosa na transição entre sua saída e minha chegada, explicando sobre o trabalho, me apresentando e viabilizando o contato com as jovens acompanhadas e suas famílias, se colocando disponível se mais dúvidas viessem a surgir - e isso foi de grande importância, bem como as conversas os profissionais da escola, com os quais sempre encontrei abertura. E durante os meses que se seguiram pude ir reformulando as questões, partindo então de minha própria experiência nesse campo.

Fragmento: O fazer com

Ofélia me desconcerta a todo tempo. Me manda embora e me pergunta por que eu a estou perseguindo. Se aproxima e se pendura em mim com um abraço. Joga o lápis sobre a mesa e me ordena a copiar. Diz que não quer minha letra na sua agenda quando me ofereço. Ofélia desconcerta meu saber. Sinaliza para mim que, algumas vezes, minha presença é invasiva. E essas vezes são os momentos em que tento ensinar. Ela me diz que meu lugar é outro, não é o da professora. Mas às vezes me convoca, diz não estar entendendo, ouve o que tenho a dizer. Ofélia me ensinou a lhe perguntar para que eu possa saber. E ela me ensina na radicalidade. Talvez aí sim tenha algo a

transmitir a Ofélia: a vida também pede um certo molejo. Digo que não gosto quando me empurra, que ela pode falar com um pouco mais de delicadeza quando não precisar de mim, ou que não é a altura da voz o que nos faz ouvir. As relações com os outros precisam de um certo molejo, de um cuidado. Ofélia se agarra em mim - assim não consigo andar. E ela me diz, se queixando: você diz que eu não posso te empurrar, que eu não posso ficar agarrada. E eu digo: você diz que eu não posso ficar ao seu lado, que não posso te acompanhar nas leituras. Nossos limites. Que difícil jogo esse das relações, que difícil achar a medida de cada coisa. Acho que Ofélia está experimentando isso. Converso com sua mãe e ela se agrada ao ouvir que em muitos momentos Ofélia prescinde de mim. Conta que ela está nesse momento: o de poder ir experimentando sozinha. A mãe de Ofélia me autoriza a ensinar, mas digo que não sou uma educadora. Acho que Ofélia já percebeu isso. Também é difícil explicar o que sou, mas tento ir pelo caminho das conversas, das negociações. Um caminho que não é fácil e exige muito trabalho, mas Ofélia me ensina que, sem ele, as conversas viram ordens, imposições; sem ele, não a incluo.

Penso se não são os encontros que nos exigem mais trabalho aqueles que também mais nos ensinam. Mas aí estaria cometendo uma injustiça, a privilegiar certos encontros em detrimento de outros - e não é isso que pretendo. Talvez seja necessário então explicar o que digo por trabalho e aprendizado: são as precisões (ou imprecisões) de se reinventar um estar junto, uma vez que o modo que se apresenta parece falir, ou falhar. É quando há as não concordâncias, as resistências, as tensões. E isso nos causa um enorme trabalho, de repensar como intervimos, no que estamos intervindo e se nesse processo podemos escutar o outro. Porque há também caminhos perigosos, como submetê-lo a um certo modo já pronto e nos tornar refratários ao que nos interroga, assim como descartar o que aí não se encaixa. Mas se escolhermos o outro, há que se dar a esse trabalho, do estar disponível a se refazer. E isso não é fácil - suportar um não saber, ou um não saber que abre mão das fórmulas e manuais, porque tampouco vamos isentos ao campo. É estar disponível a ir construindo esse saber ao longo de todos os dias. Tão mais acalentador seria se já soubéssemos exatamente como proceder a cada

caso, mas justo aí está a graça (e os espantos) dos encontros: o sempre inédito. O trabalho das reinvenções foi o que Ofélia me ensinou, desconcertando minhas ofertas prontas e exigindo de mim que criasse um outro jeito de partilha.

Referência: Sobre modos de interrogar

Uma manhã em setembro de 1904, Berlim, 13 senhores, pertencentes a diferentes esferas sociais, encontraram-se em um pátio na Rua Griebenow. (...) Durante todo o dia, estas pessoas dirigiram perguntas a um dos famosos alunos deste tempo, aluno do Sr. von Osten, Hans. Pediram que resolvesse problemas de multiplicação e de divisão, e extraísse raízes quadradas. Foi também solicitado a Hans que soletrasse palavras e que, entre outros testes, discriminasse entre cores ou tons e intervalos na música. Hans não somente respondia de bom grado, como também, na maioria das vezes, oferecia a resposta correta. Tinha mais ou menos 4 anos de idade. Porém, o fato mais chocante não era sua pouca idade. Hans respondia às questões com batidinhas de seu pé direito no chão. Hans era um cavalo (DESPRET, 2004, pág. 1).

São com essas palavras Vinciane Despret, psicóloga belga, inicia uma de suas publicações, denominada *O corpo com o qual nos importamos: figuras da antropogênese*. Despret (2004) faz um interessante passeio pelo caso de Hans, um cavalo que surpreendentemente responde a questões que lhe são dirigidas, oferecendo a opção correta em grande parte delas. Muitos personagens são convocados a testemunhar o fenômeno, mas é Pfungst, psicólogo assistente do pesquisador principal, que traz à cena uma interessante observação: Hans é capaz de decifrar pequenos movimentos imperceptíveis aos olhos humanos e, fazendo uma leitura dos corpos de seus questionadores, consegue alcançar a resposta revelada por estes. O que Despret destaca dessa pesquisa é a forma como Pfungst constrói o problema – não apenas direcionado a responder ao enigma, mas apreendendo as relações, estando aberto à percepção sobre como aqueles corpos afetavam e eram afetados.

Se continuarmos a seguir as palavras de Despret, encontramos adiante um novo experimento que ilustra de que forma o campo é interrogado na modernidade. Rosenthal, um psicólogo, propôs a seus alunos que fizessem experimentos com duas categorias de ratos: os ‘brilhantes’ (resultado de cruzamento de gerações que saíam bem no labirinto) e os ‘mediócras’ (com os quais se deu o oposto). Ele orienta aos alunos que, os que estivessem trabalhando com a primeira categoria, poderiam esperar resultados brilhantes e, da mesma forma, os que ficassem com o segundo grupo, resultados mediócras. Os ratos fizeram exatamente o que foi esperado; para Despret: “exatamente o que se esperou dele[s] e nada mais!” (DESPRET, 2004, pág. 6). Rosenthal revelou, ao fim do experimento, que nada havia de ‘brilhantes’ ou ‘mediócras’ nos ratos antes de chegarem aos estudantes: eram apenas ratos. O que ele estava de fato investigando eram as pequenas coisas que faziam os sujeitos pesquisados responderem de forma diversa à que responderiam caso fossem interrogados por algo incapaz de ser afetado.

Despret observa que, seguindo esses enredos, ao fazermos perguntas ao campo que sejam ricas ao trabalho, também nos tornaremos pesquisadores interessantes ao campo; da mesma maneira que, desperdiçando essa possibilidade, nos tornaremos ‘pesquisadores mediócras’. “Uma das maneiras de resistir a um instrumento é conduzir o experimentador a transformar suas perguntas em perguntas novas” (idem, ibidem, pág. 12)”, e ainda “dar oportunidade ao sujeito da experiência de mostrar quais são as perguntas mais interessantes a serem feitas a ele (idem, ibidem, pág. 11)”.

Outro dia, Ofélia foi até a mim e perguntou por que eu não fico um pouco ao seu lado também. Me surpreendi com a pergunta de Ofélia e deixei que ela percebesse meu espanto: são raras as vezes em que sou bem recebida quando ofereço minha presença sem ter sido pedida. Disse isso a ela. Hoje fui até sua mesa, fiquei um pouco ao seu

lado. Fui mandada embora. Quando seria o momento certo? Não sei. Nos comunicamos pelos olhares e sorrisos - às vezes ela olha pra trás e me chama, às vezes olha e sorri e eu pergunto se ela quer que eu vá lá e ela responde que não ou que sim. Isso tem funcionado bem. Mas há momentos em que eu elejo que seja importante estar ao seu lado. Sempre a resistência; às vezes recuo, às vezes insisto - e na insistência, na permanência, também aí surge uma demanda. Será que devo atender apenas aos pedidos de Ofélia? Às vezes entendo sua recusa como a afirmação de um espaço, às vezes como um capricho de criança. Me preocupo em não ser invasiva, até para que ela possa dizer quando precisa de mim. Me preocupo também em não me transformar num brinquedo para Ofélia, onde sua voz imperativa reina soberana. Faz isso, faz aquilo, agora sim, agora não. Hoje chamei sua atenção para que copiasse a tarefa - sua atenção se ocupa com tantas coisas diferentes e fluidas que é comum se atrasar. Olhei-a e lá estava ela, se distraíndo nas tantas coisas. Me olhou: não vou copiar pra você - avisei firme. Há momentos em que o movimento de suas mãos e do lápis - que sempre me parecem um grande esforço, em letras que, na pressa, vão se tornando maiores - não acompanham o volume de frases no quadro. Nessas horas, eu ajudo. Nas que Ofélia se atrasa por distrações excessivas, marco que ela tem deveres, como todos os alunos. Um deles é copiar a tarefa. Hoje lhe disse para escrever à caneta. "Nunca escrevi de caneta no caderno", e me sorri. Acho essas descobertas deliciosas de ouvir! A caneta foi uma sustentação diante de uma primeira recusa. Às vezes ela me recusa como uma resposta quase automática, penso sobre esse funcionamento. Mas é muito fácil acabar atendendo aos pedidos de Ofélia - talvez porque ela me permita poucas entradas e, nas que me convoca, tento estar. E tento estar de uma forma leve, sinto que já há algum peso por ali. No tom, na letra, no falar. Ofélia fala forte e arrastado - aí também aparece algum peso. Hoje ela me repartiu um segredo. Mas quando fui dizer qualquer coisa sobre isso, foi embora. Não queria ouvir. Ela me oferece espaço e me tira dele, ao mesmo tempo. Que desafio circular por aí.

Ofélia me coloca desafios. Me desafia a reformular as questões, a escutar dela quais seriam as perguntas mais interessantes de serem feitas. Interrogar-lhe do lugar de aluna com dificuldade de aprendizagem seria impor minha presença como uma necessidade indiscutível, em prol do seu desenvolvimento educacional. O que esse viés não levaria em conta seria sua radical recusa frente minha presença, e silenciaria tudo

que pudesse ir além de uma então dada classificação. Sem levar em conta o que dizia por essa recusa, ela seria apenas uma menina com desempenho escolar insuficiente, uma abordagem muito curta para as tantas possibilidades de Ofélia.

Construíamos uma aproximação nos pequenos gestos, mas em boa parte do tempo me mandava ir embora. Muitas vezes não era possível nem mesmo dizer a que vinha – um cansaço! – e então eu tentava outras táticas na aposta de que pudéssemos inventar algum espaço de troca. Um dia, achei importante uma conversa com sua mãe sobre essas pouquíssimas brechas que me permitia. Ela contou que a filha lhe dissera que não queria uma babá a seguir-lhe o tempo todo. Alice tinha um motivo para ter alguém ao lado: precisava que lhe ditassem a tarefa no quadro ou que lhe descrevessem algo na cena. E ela, por que precisava de uma facilitadora?

A forma como me descreveu dizia muito de como Ofélia se sentia. Eu achava que passava pouco tempo com ela, e ela se queixava de que eu a perseguia. Inventamos maneiras de eu estar disponível sem precisar lhe procurar, embora essa fosse uma solução de cada dia, de cada hora, a cada evento, e que nem sempre eu conseguia encontrar. Fomos descobrindo em que momentos ela precisava de uma facilitadora, e nos quais poderia me dispensar. Sobre isso, dei a Ofélia também um desafio: o de poder fazê-lo sem tanta dureza, sem precisar ser na radicalidade. E nos nossos ensaios, precisávamos algumas vezes refazer ou relembrar os acordos, dos dois lados.

Cheguei pertinho da cadeira de Ofélia para perguntá-la se havia encontrado dificuldades no exercício. Me virou as costas e assim permaneceu, ainda que eu chamasse seu nome. Ofélia, estou falando com você. Não se virou. No intervalo, foi até a mim contar histórias. Eu disse que precisávamos falar de outra coisa, do que havia acontecido pouco antes. Era difícil para mim lhe falar e ser ignorada. Talvez não fosse para outra pessoa, mas isso me deixava chateada por demais. Ficou séria – entendeu que isso era sério para mim. Explicou que estava prestando atenção na professora e não

conseguia dar atenção a duas falas ao mesmo tempo. Seria mesmo uma complicação, mas observei mais uma vez que ela poderia me dizer isso. Então Ofélia contou que às vezes as pessoas não entendem o que ela diz e ela precisa repetir muitas vezes. Eu peço palavras, mas penso que Ofélia também diz de outras formas.

No início, eu me sentava entre Ofélia e Alice. Uma das professoras defendia que Ofélia se sentasse próxima de outros colegas, que seria importante que construísse outras parcerias, outros ‘estar ao lado’. Observação que achei bastante pertinente, embora ainda me visse às voltas com preocupações quanto ao aprendizado. Ofélia entendia os conteúdos explicados, mas parecia precisar de um tempo maior, de um caminho onde o pensamento pudesse seguir com mais calma, o que nem sempre era possível no correr das aulas. E nos exercícios, que de alguma forma testavam se o conhecimento havia sido apreendido, me chamava para que pudéssemos percorrer esse caminho. Mas a minha presença, como já imaginava antes de participar desse trabalho, marcava uma diferença, e era essa diferença que Ofélia não queria. Como fazer? Tomá-la somente pelas dificuldades com os conteúdos das matérias seria reduzi-la a isso. Não considerá-las seria ignorar algo que também justificava o acompanhamento. E nas inúmeras conversas, com os profissionais da escola, com a mãe de Ofélia e ela própria, fizemos uma aposta: era Ofélia quem diria dos momentos em que eu devia estar.

Assim temos construído um estar junto. Ainda nas errâncias e desencontros, já que para mim é sempre um desafio encontrar uma entrada para me aproximar. Há momentos em que sou chamada para ajudar num exercício que está difícil ou para ficar perto enquanto comemos o lanche, outros em que ela vem até a mim com o caderno aberto ou me presentear com um abraço. E por aí tenho percebido que Ofélia me dá a medida de quando sou necessária. Mas quando sou eu quem a procuro, ouço perguntar-me por que a estou perseguindo, sou expulsa de seu lado para que faça sozinha o dever, recebo palavras duras que recusam minha presença. Mas é na presença que as coisas acontecem. Então tento oferecer uma presença presente, que ela me

diz ser diferente de uma presença ao lado. Preciso estar presente para o caso de ser procurada, e de não o ser. Me sento ao lado de Alice, que é na última fileira, e ela costuma estar na primeira. Fico circulando pelo pátio, olho os trabalhos das turmas que ficam expostos na parede, converso com um ou com outro. E de vez em quando Ofélia aparece, dá um oi, vai embora e dali a um tempo volta de novo. E assim vamos construindo um estar junto.

Talvez o trabalho então fosse o de me emprestar às experimentações de Ofélia, às experimentações do fazer sozinha. Estar ali para o caso de ser procurada e de não o ser. Ofélia reivindicava uma autonomia e apostar nisso, escutá-la a partir disso, foi também torná-la mais autônoma. Foi abrir espaço para que aparecesse uma maturidade nos pequenos gestos do cotidiano escolar – sua mãe contou com alguma uma surpresa dos dias em que se adiantava a começar as tarefas de casa, sem que ninguém precisasse atentar para isso. Por certo havia também os dias que em que chegava às aulas sem tê-los feito, que perdia a folha dos exercícios, que se atrapalhava nesses compromissos – isso também fazia parte. Mas o que ainda me trazia muitas questões era pensar qual seria minha função com Ofélia. Não seria a de me emprestar aos seus exercícios do fazer sozinha, estando disponível às convocações e recusas? Mas disponível até aonde? Sinalizava para Ofélia que, da maneira dura como fazia, não era possível pra mim. Era preciso que ela também negociasse com isso, que também cuidasse desse outro, que estava ali. E Ofélia também pôde me escutar.

Referência: O testemunho de Santiago

A câmera se aproxima das três fotografias, ao som de um leve piano, como João Moreira Salles havia pensado para o começo seu documentário. A primeira delas, mostrando a entrada de uma casa em seus grandes espaços – a casa que fez parte de sua

história; depois um quarto, o quarto que dividiu com seu irmão. E por último, uma cadeira, vazia, como estava a casa quando foi filmada. As imagens em preto-e-branco seguem lentamente, com calma nos sendo introduzidas por uma narrativa. A casa desperta lembranças, e numa delas está João e seus irmãos, pequenos, vestidos de copeiros e brincando de servir. Era Santiago quem ensinava a equilibrar a bandeja com os copos. Era sobre Santiago, o mordomo da família, o filme que João havia tentado fazer.

Em 1992, João foi ao pequeno apartamento no Leblon onde morava Santiago para fazer as filmagens. Ele estava aposentado e com 80 anos, 30 dos quais esteve trabalhando para a família Moreira Salles. Os cinco dias de gravações renderam nove horas de material filmado. O que assistimos no documentário não é apenas uma edição desse material, mas uma releitura feita pelo próprio João, 13 anos mais tarde. Assistimos a uma reflexão sobre um modo de interrogar o outro, dando origem a um documentário de muitas formas mais interessante que aquele que se tentou produzir antes.

No terceiro deles [planos de filmagem], uma folha cai no fundo de quadro. Visto agora (...) a folha me pareceu uma boa coincidência. Mas quais são as chances, de, no take seguinte, outra folha cair no meio da piscina, e mais uma, exatamente no mesmo lugar. Nesse dia ventava realmente ou a água da piscina foi agitada por uma mão fora de quadro? Terá sido o vento que balançou esses cabides? Será que nesse quarto encontramos mesmo as cadeiras cobertas por um pano branco? (...) é difícil saber até onde íamos, em busca do quadro perfeito, da fala perfeita (SALLES, 2007)¹⁹.

“ - *Se podía* começar...”

¹⁹Todas as citações/diálogos que aparecem nesse trecho estão no documentário “Santiago”, de João Moreira Salles, lançado em 2007.

“ - Peraí, peraí... quando **eu** te perguntar”

“ - *Se podía* começar... ‘com este pequeno depoimento, que *voy* a fazer com todo carinho’... *no se pode* começar *así*?”

“ - Não”. João responde e novos direcionamentos são dados para o início do filme. É melhor que Santiago fale sobre a cozinha, onde se passa o *take*. Nessa e noutras inúmeras cenas, Santiago é dirigido sobre como e quando fazer. As mãos devem estar assim, deve-se voltar novamente àquela posição, repetidas vezes, deve-ser falar disso, e agora dessa forma.

Me lembro que, certo dia, meus pais disseram a Santiago que iam jantar fora, que ele podia fechar a casa e se recolher. Eu era menino, dormia cedo. Por volta da meia-noite acordei com uma música. Percebi que alguém tocava o piano (...). Me levantei na ponta dos pés e fui até lá. A casa estava escura. Quando cheguei no salão, vi que era Santiago. Ele vestia o fraque que usava nos dias de grandes festas. Não me espantei com a música, não era raro ver Santiago ao piano. Me espantei com o fraque. Perguntei: “por que essa roupa, Santiago?” Ele respondeu apenas: “porque é Beethoven, meu filho” (idem, *ibidem*).

Salles se pergunta se contaria essa história no filme de 92. Talvez sim. Mas mais por achar que essa história dizia respeito a Santiago, quando agora se dava conta de que também o incluía, como alguém a quem Santiago pretendia transmitir algo. O João que coordenou as entrevistas quis instaurar ali uma relação entre documentarista e personagem, ao menos assim pensava, e ao fazê-lo instaurou também uma distância. Mas observando o material filmado, 13 anos mais tarde, percebe que nunca deixou de ser o filho do dono da casa e Santiago tampouco de ser o mordomo, que como um criado atendia a todas as ordens que lhe eram dirigidas. Foi desse lugar que João sempre falou, mas quando reconhece isso pode também incluir as lembranças que só as teriam aqueles que lhe eram próximos, como o filho do dono da casa a quem Santiago

acompanhou o crescimento. E essas lembranças são, para mim, a parte mais bonita de sua narrativa: as histórias, frases e delicadezas que lembrava de Santiago.

Acredito que seria muito difícil produzir um documentário que parecesse pobre sobre aquela figura tão rica. Acredito porque, apesar dos diretores, existem os personagens. Mas sem dúvida a forma como seria apresentado se o filme tivesse sido concluído em 1992 não seria a mesma do documentário lançado em 2007. O que veríamos no primeiro seria o resultado de uma direção sem brechas para que o próprio entrevistado pudesse aparecer, e o que vemos no segundo é uma homenagem de um homem a outro, que lhe permitiu tantos ensinamentos, e para quem se devia, ao menos, um pedido de desculpas. “Santiago sugeria que a vida podia ser lenta, mas não suficientemente lenta. Ao longo dos (...) dias de filmagem, ele não falou noutra coisa. Eu, não entendi”. Santiago morreu pouco tempo depois das gravações.

Num dos seus filmes, o cineasta Werner Herzog, diz que muitas vezes a beleza de um plano está naquilo que é resto, no que acontece fortuitamente antes ou depois da ação. São as esperas, o tempo morto, os momentos em que nada acontece. Desses restos, talvez o mais revelador seja aquilo que se diz a um personagem antes de toda a ação que seria para sempre o segredo do filme (idem, ibidem).

No último recreio, me distraí observando as crianças brincando no pátio e inventando travessuras. Ri de muitas, dentro do que me permite esse lugar. Não preciso encenar a braveza da assistente de coordenação, mas tampouco deixá-las extrapolar os riscos - só que rir, isso eu posso! Fiquei a observá-las e observar tudo em volta. Alice ensaiava uma cena para a aula de teatro junto com outras colegas, Ofélia ia e vinha, a me dar pequenas notícias e desaparecer correndo pelo pátio. Eu estava ali, numa presença tranquila e quase sem compromissos, ofertando essa presença sem propagandas. Elas sabiam de mim e me diriam quando precisassem. Ofélia se sentou a meu lado, perguntei sobre o que seu grupo apresentaria no teatro. Encontrou o grupo, mas eles ficaram conversando e ela quase não pôde participar. Disse-lhe que então participasse, perguntasse sobre seu papel na cena, sobre o que iria fazer, desse ideias. Saiu novamente

como um foguete e voltou depois para me contar, com um sorriso largo, que tinha um personagem e uma fala. Às vezes as aberturas são poucas para Ofélia, isso me preocupa. Mas também me agradou a ideia de que contestasse a seu favor e isso lhe rendesse a participação efetiva na cena. Não fui eu quem falou com o grupo - foi a própria Ofélia. Suas conquistas. Outro dia me disse que estava de olho em mim, mas não era para eu estar de olho nela. Dei uma gargalhada e respondi que estava entendendo que ela gostaria de saber onde eu estava para me achar quando quisesse, mas não era para eu vigiá-la. Uma vez me propôs que eu a chamasse sem chamar - isso ia ser bem difícil, respondi, só se fosse por telepatia. Então seria dessa forma, me disse. E desse jeito me orientou hoje. Um desafio dos grandes, respondi, mas então vamos lá. Voltou e brigou comigo - estava me chamando por telepatia e eu não respondi. Ah, desculpa, é que acabei me distraíndo aqui na brincadeira que participava com Alice. Ofélia aparecia, contava alguma coisa, deixava pra depois a brincadeira e sumia de novo. Outros jeitos de aproximar.

Me pergunto se o que acontece fortuitamente, antes ou depois da ação, também não é importante ao diário de campo. Nessa aposta que fazemos, sim, sem dúvidas. Porque esses são os momentos em que se abre a escuta para o que não esteve planejado anteriormente, para o que mais se tem a dizer. Essa experiência como facilitadora, que me rendeu importantes reflexões sobre a escrita e a construção do conhecimento, me fez mais uma vez atentar ao fato de que as produções, quaisquer que sejam, se não forem negociadas com o outro com o qual se trabalha, acabam produzindo versões engessadas e despotencializadas, deixando de levar em consideração aquilo mesmo sobre o que se pesquisa. Por muito tempo o campo foi considerado apenas para confirmar ou refutar hipóteses previamente formuladas, com o máximo de objetividade, sendo excluído da possibilidade de interrogar o pesquisador, de participar efetivamente da produção do conhecimento. Em busca do quadro perfeito, da fala perfeita (pra quem?), tantos acontecimentos ricos e fortuitos não são considerados.

Referência: O inventário das sombras

Vésperas do Natal: o telefone toca e uma voz arranhada, grave, se identifica: “Clarrice Lispectorrr”, diz. Entra logo no assunto. “Estou ligando pra falar de teu conto”, continua. A voz, antes vacilante, agora se torna mais firme: “Só tenho uma coisa pra te dizer: você é um homem muito medrrroso”, e os erros desse “medrrroso” até hoje arranham minha memória. O silêncio ensurdecedor que se segue me faz acreditar que Clarice desligou o telefone sem ao menos se despedir. Mas logo sua voz ressurgiu: “Você é muito medrrroso, e com medo ninguém consegue escrever” (CASTELLO, 1999, pág. 19).

Encontrei em José Castello, na obra *O inventário das sombras*, uma escrita em primeira pessoa. Mas ainda que partindo de si, o autor esteve atento a seus interlocutores, sem ceder às seduções que fazem muitos se perderem quando arriscam falar desse lugar. Mas como partir de si e escapar dos perigos de uma redação vaidosa? Castello lembra que num momento em que o fazer literário está a serviço do comércio ou de um exibicionismo intelectual, o melhor que se tem a fazer é retornar aos bastidores. E retornando a eles, constrói uma narrativa dos encontros, dedicando cada capítulo a um personagem da cena artística. Mas não tinha o propósito de esmiuçar discussões sobre suas obras ou fazer levantamentos biográficos. O que serviu de matéria à escrita foi o contato com aquelas pessoas, o que lhe causaram, de que forma foi afetado, as histórias que surgiram daí. Ele não escreveu sobre uma imaginária Clarice Lispector, mas sobre um telefonema que recebeu da escritora que deixou impactos sentidos até hoje. Sobre uma mulher que grita de pavor diante de um simples gravador e um entrevistador que vê seu ensaio todo se atrapalhar na sua presença.

Não foi pretensão de Castello traçar perfis completos ou encontrar definições para seus entrevistados; o modo como compôs a escrita nos faz crer que todos aqueles são personagens, vivos, encarnados, circunscritos, mostrados a partir das impressões que lhe ficaram dos encontros, como a Clarice de Castello. E talvez sem pretendê-lo o autor pôs

em questão o que já nos mostra a literatura e o que o jornalismo por vezes esquece: a realidade é sempre situada e nós não cabemos em definições.

Esse livro, Castello diz ter escrito para

esboçar retratos breves, em que os contrastes, as regiões de claro e escuro, as zonas limítrofes se sobreponham à panorâmica dos grandes temas. Traço aqui, de modo deliberado, retratos incompletos (parciais, aliás, como qualquer retrato) marcados pelas falsificações de perspectiva, por tudo aqui que se exclui e despreza, e também pelos limites impostos pela moldura; pois foi essa fronteira nevoenta entre o que se vê e o que não se vê, e não a claridade chapada dos grandes painéis, que me moveu a escrever (CASTELLO, 1999, pág. 10).

Fazer um *inventário* dos quase vinte anos em que atuou como repórter literário contou as artimanhas que esse lugar, entre os fatos jornalísticos e as criações literárias, pôde oferecer. O autor resgatou antigas entrevistas para servir à pesquisa, mas a riqueza dos encontros excedia àqueles relatos. Foi preciso confiar nas lembranças e nos artifícios da fantasia, a qual costuma escrever nos espaços livres da memória: e o que para ele é, no fim, o insumo da escrita. O título do livro traz também a palavra *sombras*, e aí encontramos por onde ele pretendeu se guiar: os conflitos, enganos, decepções, horrores – “a zona de penumbra, enfim, que move o fazer literário” (idem, ibidem, pág. 10). Castello construiu narrativas para dizer que os grandes nomes são de carne e osso, que também carregam suas sombras, que as fazem escrita, e que toda escrita também é feita de zonas de penumbra.

Referência: Uma ética de pesquisa

Quando essa dissertação começou a ganhar corpo, confesso que temi pela maneira como se apresentava. Era uma escrita fragmentária, e ainda que não estivesse desconectada, tampouco se organizava como texto corrido, com o qual acostumamos a

esperar por um início, um meio e um fim (estando ali exposto a que veio, como fez e o que concluiu). Percebi o texto ganhando outro rumo e experimentamos segui-lo. Foi a dissertação tomando este corpo, o dos *fragmentos*, que precisaram, por motivos acadêmicos e porque com as parcerias se tornavam melhores, conversar com as *referências*. Fui também precavida de que era sim importante dizer a que vinha e o que produzia com tudo aquilo e refletir sobre esse modo da escrita constituir-se. Por que em fragmentos?

Luis Antonio Baptista, no artigo *Noturnos Urbanos. Interpelações da literatura para uma ética da pesquisa*, aposta numa ética que seja capaz de produzir desvios às identidades, que seja contra qualquer conclusão encarcerante, que se inspire no “inacabamento de existências” (BAPTISTA, 2010, pág. 105). Esse ensaio surge de uma ferida numa política metodológica que, dizendo ser orientada pelos preceitos tradicionais de uma escuta cuidadosa, de dar voz ao outro e ocultar o que viria a desqualificá-lo, toma para si o autorizar e “iluminar” um discurso que, sem ela, estaria apagado pelo anonimato. Assim o pesquisador o tiraria das sombras e libertaria a fala que estivera calada, e que agora era extraída e conduzida a identificar-se.

Neste procedimento acolhedor de uma diferença libertada das trevas, a alma do pesquisador avoluma-se, engrandece-se, mas o olhar se mantém intacto como se o objeto da sua visada não perscrutasse ou atravessasse a sua carne. O corpo, após a pesquisa, continuaria ileso junto à alma robusta. Noite e luz permaneceriam incompatíveis, à semelhança da lógica binária do bem e do mal. Sombras e restos de escuridão, ignorados por esta escuta acolhedora, persistiriam até a próxima captura (BAPTISTA, 2010, pág 104).

Baptista pergunta: “o que vislumbramos nos escritos onde a noite é sabotada por uma poderosa iluminação?” (idem, ibidem, pág. 105). Em outras palavras, ele atenta ao perigo e ao peso das revelações que funcionam como agentes da luz, que dizem trazer o conhecimento sobre o outro, terminando por fazer dessa sua versão mais poderosa e

talvez última. O que mais caberia à noite – as lutas, os gestos suspensos, os esboços, as experimentações – destoam desse novo cenário tomado por certezas e conclusões. Um exemplo é a história de Florinda²⁰, sobre a qual a luz lançada pela psiquiatria não deixou que nada escapasse à identidade da loucura que lhe fora conferida. Internada no Hospício Juquery, São Paulo, escrevia cartas que resgatavam laços destruídos pela instituição, que a vinculavam à vida na espera de ser lembrada e diziam sobre o sofrimento trazido pelo cárcere. Cartas que jamais foram lidas por seus destinatários, sendo ao invés disso aprisionadas no prontuário para servir como pistas sobre seu padecimento mental. Ali nada escapou à iluminação do saber do médico, que revelou um sujeito de intensidades, apelos, cortes, vínculos como um louco, pobre, de escrita falha. Uma outra leitura dessas cartas foi possível através da historiadora Maria Clementina Cunha, que

não deseja dar voz ao humilhado, respeitar o que o desvalido tenha a nos dizer. Cunha, no uso dos arquivos amarelados pelo tempo, desvia, embaralha o triunfalismo retilíneo de uma ordem sempre vencedora; diferencia-se do pesquisador comovido pelo excluído como se a ele só restasse a fragilidade desencadeada pela sua dor. Os indícios encontrados na pesquisa, ao contrário dos laudos, desvencilham-se da função de serem pistas reveladoras da conclusão de uma trama. Não são insignificâncias que nos levarão à montagem de uma resposta, de um veredito, como nos romances policiais. A carta é usada como instrumento cortante produtor de cesuras em uma história valente que segue reta à procura do fim (idem, ibidem, pág.110).

Desfaz-se o imperativo de encerramento da história, que de costume está à serviço da busca por culpados ou do diagnóstico dos desviantes. As histórias são tomadas como desacomodação desse saber que lança sobre tudo uma iluminação encarcerante. Diz Luis Antônio Baptista de um empírico que seja terno, que convide o

²⁰Baptista faz referência à obra “O Espelho do Mundo. Junquery, a História de um Asilo”, de M.C. Cunha, publicada em 1986, pela Editora Paz e Terra.

observador a perceber as realidades fugidias, o que escapa. Um empírico que convoque a vulnerabilidade do pesquisador, sua disponibilidade ao que possa vir a acontecer, indicando aí uma outra política de encontro com o outro. Lembra de uma passagem de Mia Couto, em que o escritor moçambicano conta sobre a história da fundação do mundo nas tradições de seu país. Guambe e Dzane, o primeiro homem e a primeira mulher, deixaram de herança à humanidade um baú cheio de histórias, de onde os contadores as tiravam, fazendo-as retornar ao fim. E se não retornassem? Se não fossem fechadas? O povo, diz Mia Couto, se contaminaria por uma doença – a doença do sonhar.

A caixa aberta deixará que as narrativas escapem, e desta forma elas não terão pouso fixo, pátria definitiva, um único sujeito, uma história concluída. Nenhuma dor ou forma de extingui-la terá um proprietário exclusivo. A caixa aberta ficará vazia, as narrativas, inacabadas. Disparadas pelo vazio, terão a forma provisória de como forem contadas (idem, *ibidem*, pág. 116).

Fragmento: As descobertas

Encontro Alice no portão e vamos juntas pra sala. Às vezes chego quando já estão todos acomodados em suas cadeiras, ou naquela agitação antes da primeira fala do professor. Mas nas outras em que subimos juntas meu dia começa cheio de histórias. O mundo de Alice é tão cheio de histórias que me fazem querer buscar as minhas também. Vasculho meus dias – não encontro tantos acontecimentos. E então me agrada ouvir Alice transformar o corriqueiro em novidade, e talvez pra ela não seja tanto custo. Tem ali uma meninice que torna simples essa contação, que eu acho que a gente perde um pouco quando cresce. Acho que eu perdi um pouco. Talvez as palavras agora exijam um trato, um cuidado, uma ponderação ao próximo dito, que de cautelosa chega a me privar de palavras. Uma pena, penso. Aprendo com a Alice a contar histórias de novo.

Alice está entre as alunas com as melhores notas. Termina todos os testes dizendo que vai tirar um D, com certeza. Mas até agora só apareceram A's no boletim. Sua capacidade de memorizar, a atenção em tudo que ouve, a habilidade em manejar conteúdos abstratos, como os que se aprende em matemática, impressionam a todos. A mim também. Alice descobriu, há muito, que eu erro. Erro que dia é hoje, ou até mesmo alguma conta que lhe ditei do quadro. Tem alguma coisa errada com essa conta - ih, é mesmo, desculpe Alice, eu disse errado. Tenho um jeito assim, um tanto distraído, que já me renderam algumas perdas e outros efeitos mais interessantes. Ainda mais para Alice, que tem medo de errar. Outro dia chegou sem fazer o dever de português. Tinha sido porque o avô tinha passado mal, aí o pai não podia ler a lição do livro para ela. Aí o pai dela falou... Ué, mas ele não tinha ido ver seu avô? Ah, mas é que ele tinha falado por telefone. Por telefone? É, é porque a mãe tinha ido comprar uma coisa e também não pôde... E um emaranhado de histórias, que, de quase fantásticas, lhe revelaram os desencaixes. E, por fim: tá bom, esqueci de fazer o dever. Tudo bem, acontece, então anota as respostas aí e fica atenta à correção. Alice descobriu que isso não é tão grave. E eu descobri que o universo de Alice é do tamanho das mil histórias.

Referência: Memórias Inventadas

poeta:
sujeito com mania comparecer
aos próprios desencontros²¹

Pedro César conseguiu o que ninguém antes havia feito. Manoel de Barros deixava claro às solicitações de entrevistas que mais importava o poeta à pessoa, o ser lettral ao ser biológico, e suas aparições continuavam restritas à grafia em papel. Pedro tentou de todos os argumentos para que permitisse uma câmera registrar as conversas, que ajudariam a compor o documentário “Só dez por cento é mentira”, sobre sua vida e

²¹Todas as citações/versos que aparecem nesse trecho estão no documentário “Só dez por cento é mentira”, Pedro César, lançado em 2008.

obra, e todos sucumbiram frente à insistência do poeta de que sua arte tinha expressão unicamente pela escrita. Até que, por fim, Pedro desistiu: “deixa pra lá, Manoel, era só um sonho” (CÉZAR, 2008). Um breve silêncio, e Manoel então determinou que ele aparecesse por lá no dia seguinte e que levasse suas tralhas.

Para que serve poesia? Pra Manoel, a poesia se interessa pelo inútil, pelo que está jogado, pelo que não serve. E então, é preciso descobrir. Não se trata de descrever, mas descobrir. Descobrir as tantas outras serventias do que não serve. Ouvi-lo falar sobre seu processo criativo foi perceber que o poeta se empresta à poesia – ou, como disse Manoel, presta pra isso, e, no seu caso, pra isso só. Ele não procura as palavras – é procurado por elas, e num trabalho de artesanaria constrói versos que trazem novos comportamentos às coisas do mundo. Manoel ouve delas um pedido: não querem vistas por pessoas razoáveis. E quando as tiramos da clausura de uma função, tantas coisas as coisas podem. E elas fazem parte do todo dia, estão aí, nos lugares de sempre, nas ruas, no chão: Manoel dá valor às coisas pequenas, as de perto.

Pedro César, que filma como quem faz poesia, nos apresenta a tantos que dialogaram com a obra de Manoel de Barros ou que ajudaram a compô-la. Um desses personagens é Bernardo, amigo do escritor e ensinador das conversas sem palavras. O único som que fazia era de um apito, imitando os navios que chegavam em Corumbá. Bernardo chamava passarinho e ele pousava em seu ombro, entrava no rio e brincava com os peixes na mão – era quase árvore. “Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?”, responde Manoel.

Tenho uma confissão a fazer:
Noventa por cento do que escrevo é invenção
Só dez por cento é mentira

Percorrendo a desbiografia de Manoel, visitamos suas três infâncias – o ser letral só infância teve. Essa é a fase da vida que importa à poesia, pois é de lá que se recolhem as primeiras sensações: os cheiros, os ruídos, as imagens, o ouvir-ver, a fertilização da palavra. A criança “erra na gramática, mas acerta na poesia”. E é no baú- infância que Manoel vai buscar memórias para seus poemas. Quem for investigá-lo atrás de fatos, não encontrará muita coisa; a não ser que esteja aberto às memórias inventadas – nesse caso, sairá cheio de preciosidades. Ele diz que sua poesia é inventada, mas absolutamente verdadeira. E se há alguma diferença entre invenção e mentira, é que a primeira “serve pra aumentar o mundo”.

Tantas falas importantes aparecem dando costura ao documentário: ‘se os fatos não correspondem à vida, pior para eles’; ‘tem ali uma liberdade alcançada’; ‘as pessoas precisam ser recordadas de sua humanidade, sair do automatismo’; ‘Manoel cata as coisas perdidas e os sentidos perdidos’; ‘é como se ele ouvisse as coisas pedindo pra ser libertadas, o mundo fica imenso’; ‘começa a interferir na sua visão do mundo, exercício de percepção cotidiana’ – e todas elas dizem um pouquinho da poesia de Manoel. Dizem é dos sentires, não das explicações. Pelas suas palavras, o que ele faz e nos convida a fazer é transver o mundo.

o olho vê
a lembrança revê
e a imaginação transvê
é preciso transver o mundo

Alice sempre dizia que sua cor favorita era o lilás. O que são as cores para quem não pode vê-las? Perguntei a Alice do que lembrava quando eu falava ‘vermelho’. Vermelho era morango. E azul? A cor do céu e do mar. Verde? As árvores, as florestas. Rosa – rosa era a cor do amor. E lilás? Era a felicidade.

Há nas palavras uma beleza que lhes é própria. Digo isso como sua grande admiradora – declaradamente. E talvez fosse na escrita dos diários de campo que encontrava de novo essa candura, a qual me fazia retornar a campo menos impregnada pelas durezas. Digo isso com assinatura, falo em primeira pessoa, porque talvez a outros a escrita do diário lhes pareça mais como um puro registro. Essa escrita, para mim, era recriadora. Recriava uma escuta mais disponível aos pequenos encontros, em especial quando estes me faziam fechar. E que esteja claro que era também sobre isso a escrita: sobre as durezas, as impaciências, as mal-criações de minha parte. Os tropeços estão no caminho, e considerá-los é poder estar mais atento, reorganizar, reinventar e, principalmente, também reconhecer que são difíceis. As palavras, portanto, e ainda que tenham uma beleza própria, não me serviriam para um enaltecimento distante; essa beleza aparece justamente quando dizem das coisas daqui, de perto, e as tiram do lugar que se acomodaram antes. Quando elas ampliam o mundo.

Com lã, fitas, hidrocores, lápis de colorir, botões e outros materiais cada um deveria construir a sua própria Emília. Era livre à invenção e surgiram tantas Emílias diferentes que faria gosto ao criador da personagem. Caipira, madame, roqueira, mestre cuca, hippie... Para Alice, a mais bonita era a de Ofélia. Com pedacinhos emaranhados de lã, ela tinha feito duas tranças, colando uma de cada lado. De em Emília em Emília, sentimos, com o toque, a construção de cada uma. Aqui, ele fez os olhos com esses dois botões; aqui, ela usou essa rendinha pra fazer a barra do vestido. Mas a de Ofélia era a mais bonita. Por que você achou a dela mais bonita, Alice? Tinha a ver com os detalhes. Tinham tantas coisas de sentir, nos pequenos detalhes. A beleza, me disse Alice, tinha a ver com isso: com os detalhes.

Fragmento: As relações de inclusão/exclusão

Alice usava durante as aulas um notebook onde rodava o programa DOSVOX²². Nele, podia escutar as palavras que digitava como se estivessem sendo soletradas ou em sequência como texto corrido. Era lá que copiava as lições do quadro e onde fazia as lições. Alguns vinham do material didático construído pelos professores e, uma vez digitalizados para impressão, serviam como arquivos que podiam ser passados ao computador de Alice. Os que pediam o livro contavam com a leitura de alguém, que podia ser um colega de turma, eu ou os pais de Alice, nas tarefas de casa. Essa articulação entre o computador, o programa, as habilidades de Alice no manejo desse dispositivo, os recursos da escola e as parcerias tornavam possível a realização de todas as tarefas. Essas articulações, na verdade, sempre existem, mas em alguns casos são invisibilizadas. Sem o lápis e o caderno, como o colega de Alice copiaria os deveres? Sem o computador, como ela copiaria? Alice ouve as palavras através do Dosvox, o professor as lê através das lentes dos óculos. A questão é que alguns desses recursos são apagados e outros destacados pelos arranjos onde estão inseridos, mas todos precisamos nos articular com os mais diversos recursos, desde as ações mais cotidianas. E são essas articulações que nos tornam potentes.

Ofélia, anotou a agenda de história? O sinal já havia tocado, as crianças saído. Ela bateu os braços, resmungando uns dos seus muitos resmungos quando não quer fazer uma coisa. Tem que anotar então, e ela parou, abriu a mochila a muito custo - é, pois é, não tem muito jeito. Então a professora reforçou: tem que anotar a agenda. E de repente sumiram os resmungos. Ouvi dessa professora uma observação

²²“O DOSVOX é um sistema que se comunica com o usuário através de síntese de voz” (definição no site do Núcleo do Computação Eletrônica da UFRJ, responsável pela criação desse dispositivo).

muito interessante, sobre esses diferentes efeitos: “é porque o que eu falo para ela, falo para todo mundo”. Eu tornava Ofélia deficiente e a professora a tornava eficiente, com o mesmo comentário. Os diferentes arranjos.

Referência: Articulações

Na conferência que despertou o artigo *Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência*, Bruno Latour conta que fez uma proposta aos participantes: que lhe escrevessem o antônimo da palavra corpo. Entre os termos listados, dois especificamente lhe chamaram a atenção. Dizer “morte” e “insensível” como esse oposto foi aproximar-se de uma importante noção de Vinciane Despret: ter um corpo é aprender a ser afetado, convocado, movido por elementos diversos, humanos e não-humanos. “Quem não se envolve nessa aprendizagem fica insensível, mudo, morto” (LATOURE, 2007, pág. 39). Por isso, Latour não se interessa pelos discursos que atribuem ao corpo uma natureza ou que o tomam como morada do etéreo ou divino. O importa é o corpo enquanto capaz de afetar-se, e tão mais potente se torna quanto mais elementos participam dessa trama. “O corpo é, portanto, (...) aquilo que deixa uma trajetória dinâmica através da qual aprendemos a registrar e a ser sensíveis àquilo de que é feito o mundo” (idem, ibidem, pág. 39).

Mas o que seria aprender a ser afetado? Tomemos o exemplo do treinamento por que passam os criadores de fragrâncias das indústrias de perfumes. O kit utilizado nesse processo é composto por grupos de odores diversos, desde os que podem ser claramente identificados até os que guardam diferenças bem sutis. O resultado é um nariz que se torna sensível a uma enorme variedade de aromas, que pode reconhecê-los e discriminá-los. Aquilo que antes não causava efeitos, que mesmo que chegasse em nada

mobilizava, passa a ter significância. Ao passo que o corpo se torna sensível ao mundo, o mundo se torna mais amplo – uma operação simultânea. Mas não se trata de uma relação entre sujeito e objeto, corpo e mundo, onde a linguagem – ou a caixa de odores – serve apenas como pontes entre esses dois termos. O tempo que o aluno precisa para sensibilizar o nariz, o professor com suas orientações, os testes que foram feitos, os químicos orgânicos, as fábricas que produzirão os perfumes, tudo isso conta para que no fim haja um nariz que aprenda a perceber as diferenças, que seja levado a agir.

(...) se eu, nariz não treinado, necessito do kit de odores para ser sensível ao contraste, os químicos precisam dos instrumentos analíticos para se tornarem sensíveis às diferenças de um único átomo deslocado. Também eles adquirem um corpo, um nariz, um órgão, desta vez através dos seus laboratórios, e também das conferências, da literatura e de toda [sua] parafernália (...) (LATOUR, 2007, pág. 43)

A essa criação de sensibilidade Latour chama de articulação. Voltando ao exemplo dado, antes do treinamento, odores diferentes provocavam a mesma resposta. Um sujeito desarticulado, portanto, seria aquele que, nesse sentido, se torna monótono, a oferecer sempre a mesma resposta frente aos diferentes estímulos que possa haver. O inverso seria alguém que aprende a ser afetado pelos outros, sendo estes os tantos elementos que estão no mundo. Quanto maior essa variedade, segundo Latour, mais amplo o mundo se torna.

Só a propósito das afirmações é que perguntamos «é real ou construído?», questão que parece profunda e, mais, política e moralmente fundamental para manter uma ordem social habitável. Para as proposições articuladas, tal objeção é completamente irrelevante e um pouco estranha, porque quanto mais artifícios estiverem presentes, mais *sensorium*, mais corpos, mais afeições, mais realidades serão registradas (Latour, 2002). A realidade e a artificialidade são sinônimas, não antônimas. Aprender a ser afetado significa isso mesmo: quanto mais se aprende, mais diferenças existem (LATOUR, 2007, pág. 46).

E também para ampliar a convocação desses outros personagens na constituição do mundo Latour conta com as parcerias de Vinciane Despret e Isabelle Stengers.

Recolhe da teoria dessas duas autoras diversos termos que repensam o conceito de ciência e seu imperativo de afirmação e exclusão, que desqualifica e torna irrelevante as versões que diferem. Pelas novas definições de Despret e Stengers, para ser científico um conhecimento deve ser interessante, sendo essa qualidade entendida como o que de novo se produz, o que é fecundo, rico, ao invés das proposições estéreis que nada mais fazem que confirmar a si mesmas. É preciso, ainda, que esse conhecimento seja posto em risco, lá ainda em seus protocolos, que possa questionar-se se está fazendo as perguntas certas e modificá-las a partir das resistências que encontra. E essa resistência, isso que põe em risco o projeto de conhecimento, advém de humanos e não-humanos, e levar as recalcitrâncias adiante, tirar delas boas consequências. Outra importante ideia, que corta as dicotomias comuns nesse terreno de discussões, é a de que

nem a distância nem a empatia definem a ciência bem articulada. Podemos não conseguir registrar as contra-questões daqueles que interrogamos, ora por estarmos muito distanciados, ora por os dissolvermos na nossa empatia. Para serem úteis, distância e empatia têm que se subordinar a mais este critério: *ajudam, ou não, a maximizar a ocasião para que o fenômeno em estudo proponha as suas próprias questões, contra as intenções iniciais do investigador* - incluindo, naturalmente, as suas generosas intenções «empáticas»? Partindo desta formulação, deve ser claro que evitarmos influências e preconceitos é uma forma muito pobre de lidar com um protocolo. Pelo contrário, devemos ter muitos preconceitos e influências, para os pôr em risco no dispositivo laboratorial e garantir que existam as ocasiões de manipulação de modo a que as entidades mostrem do que são capazes. A paixão, as teorias ou os preconceitos não são maus em si mesmos; apenas se tornam maus quando não oferecem ao fenômeno ocasiões para diferir [...] *quanto mais mediações* melhor (idem, ibidem, pág. 52).

De que instrumentos fazemos uso para pensar a questão da inclusão? Podemos tomá-la em termos de um processo bem ou mal sucedido, mas o que seria levado em conta nessa avaliação? E os alunos, quais deles seriam considerados nesse grupo? Talvez seja preciso reformular as perguntas. O que este trabalho como facilitadora me fez interrogar foi sobre o que nos une, o que nos leva a construir laços, o que os torna frágeis, fortes, temporários. E isso depende de tantos fatores quanto podemos supor, por

isso é necessário considerar as relações localmente – e por isso retorno àquela escola no acompanhamento de Alice e Ofélia.

Então, eu era facilitadora dessas duas alunas. Esse trabalho de mediação foi ali pensado por razões específicas a cada uma: Ofélia e um tempo maior para a escrita e a assimilação da matéria, Alice e a descrição dos conteúdos e acontecimentos. Mas Ofélia contava com uma rede mais ampla, com os familiares que retomavam o estudo para o teste e as lições de casa, com um apoio pedagógico particular, com o projeto pensado para ela dentro da escola. Junto à coordenação fizemos uma aposta: Ofélia poderia estar sem a facilitação. Alice também já não contava com minha presença em todos os tempos. Combinamos com os professores que lessem em voz alta ao passo que escrevessem no quadro: assim Alice copiaria a matéria.

Sem a minha presença ao lado, Ofélia me procurava: não estava encontrando parcerias para o trabalho em sala. A quem você poderia perguntar se gostaria de fazer o trabalho com você? Sem minha presença, pôde aparecer um vão entre Alice e o outro e o convite para novas parcerias. Os objetivos a que eu servia quando comecei esse trabalho não eram mais os mesmos e a necessidade da mediação tampouco óbvia. Fomos reconsiderando essa função e produzindo novos arranjos.

Referência: Refazendo fronteiras

Assisti pela internet uma conferência chamada de Fronteiras do Pensamento. A ideia do evento era trazer à cena pessoas de diversas áreas com discussões importantes acerca do contemporâneo. Numa das edições, pude apreciar uma belíssima exposição de Mia Couto, sob o título *Repensar o pensamento*. Foi dessa proposta que partiu, equivocando o próprio nome da conferência, já que o pensamento, segundo ele, é o que

há mais livre de fronteiras. Mas a natureza tem um vício em fazer com que tudo se vista sob uma forma: mesmo o infinito pede uma linha de horizonte, e das células às criaturas há uma necessidade de um contorno que os separe do mundo – a vida, ele conclui, tem fome de fronteiras. Mas estas fronteiras naturais são sempre vivas, permeáveis. O pensamento, ao contrário (e à revelia da liberdade que é capaz), pode erguer barreiras tão sólidas que fazem encerrar-se em si mesmo, construindo “fortalezas onde deveria haver pontes”²³ (COUTO, 2012). Aprendemos a deixar o diferente atrás desses muros, a temê-lo, a combatê-lo como se nos fosse uma ameaça.

Mia Couto voltou às origens da palavra fronteira, encontrando o peso do militarismo em seu significado, que seria ‘à frente de batalha’. Mas desse mesmo front, contou a história de um oficial jovem do exército francês, que criou um código em alto relevo para que, nas noites de combate, os soldados pudessem se comunicar no silêncio e no escuro. Foi daí que nasceu o sistema Braille, pondo em xeque as fronteiras que existiam entre a cegueira e a escrita, entre o tato e a leitura, e tantas outras. Falou também da admiração pelo Brasil, pela simpatia e disponibilidade do nosso povo, não no sentido de ser agradável, “mas na capacidade de cada um ser todos os outros (...) e deixar que esses outros façam morada em nós” (COUTO, 2012). Mas para não tomar essa característica como intrínseca, lembrou nossa história, de um país que precisou tecer culturas e etnias diversas, e que misturou e redesenhou suas fronteiras. Interessante, ele diz, o modo como as terras, aqui, foram ganhando nomes de rios. Rio Grande do Norte, do Sul, Rio de Janeiro, como se as águas se tornassem fronteiras que, ao invés de separar, unisse. Finalizando sua exposição, faz um apelo: “temos que

²³ Todas as frases que aparecem como citações estão na exposição de Mia Couto na Conferência Fronteiras do Pensamento, de 2012.

reinventar essas outras fronteiras mais próximas da vida, mais abertas, mais permeáveis” (COUTO, 2012).

A professora de matemática propôs à turma um duelo: dividida em dois grupos, uma parte encontraria as soluções das operações escritas no quadro usando apenas o cálculo mental, e a outra, com ajuda da calculadora. Depois, os grupos fariam um novo exercício, experimentando o outro jeito de calcular. Alice me perguntou: como faria quando fosse do segundo grupo? Não poderia usar sua calculadora, que através do recurso de áudio revelaria os resultados. Então ela não participaria desse momento. Ou então poderia estar duas vezes do grupo do cálculo mental. Mas fazia cálculos com grande rapidez e facilidade, uma “calculadora humana”, como disseram, e acabaria beneficiando aquele grupo. Então a solução seria ficar de fora? Que momento interessante: Alice havia conseguido bagunçar todas as fronteiras entre inclusão/exclusão, deficiência/eficiência, humano/máquina.

No trabalho de facilitadora cabia um hibridismo muito interessante. Eu não estava ali como professora, mas desempenhava uma função pedagógica com Alice e Ofélia, além de existirem momentos em que era procurada pela turma para esclarecer dúvidas. Em outros, eu era quem pedia ajuda. Me foi disponibilizada uma cadeira como a que ficava na mesa do professor, mas me sentava ao lado dos alunos. E, embora fosse mais velha que eles, muitos eram mais altos que eu – características que ora me destacava, ora me disfarçava. Conversava com alunos e professores, mas não era nem um, nem outro. É muito curioso como, de fato, muitas vezes o que fazia a aproximação era a diferença. Os professores gostavam quando trocávamos impressões sobre as aulas justamente porque eu as assistia, estava do outro lado. Mas era um lado também outro com os alunos: quando chamava sua atenção por algum motivo, era ouvida – não falávamos como iguais. Mas ajudava Alice a comer escondido o brigadeiro durante a aula e pensava junto com Ofélia o que dizer no dia de dever não feito. Os equívocos nas

fronteiras me permitiam circular por lugares diversos, e isso aumentava as possibilidades de partilha e intervenção.

Encontrei Ofélia distraída na frente de um dos computadores. Fui procurar outro que estava mais distante - o nosso estar distante, mas perto - mas mandou que eu sentasse ali ao lado e nos falássemos pelo facebook. Que estranho! Por que nos falar pelo facebook se poderíamos nos falar pessoalmente? Mas topei. E disse desse meu estranhamento também na conversa do facebook. Mas por quê? Porque sim. Porque sim era uma resposta muito curtinha, eu queria que ela me explicasse. "Porque eu acho intelectual". Ofélia me ensinava o que fazer no computador e como usar as ferramentas na rede social. Por ali, podia contar das coisas, perguntar, ouvir - tudo a seu tempo. O outro esperava a mensagem surgir, sem completar frases ou apressar suas palavras. Ali tinha tempo, ali dava orientações.

Referência: Saberes localizados

A leitura dos textos de Donna Haraway exigem muitas releituras. Insisti porque sabia que algo ali nos interessava, mas seu estilo de escrita, cheio de ironias e referências, tornou essa colheita mais intuitiva que objetiva. Por isso tão difícil reproduzi-la aqui, mas farei o possível; perdoem-me se falhar. O que Haraway nos faz pensar, no artigo *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*, é que dificilmente poder-se-ia acreditar numa objetividade científica tal como é preconizada. Talvez por isso fossem desnecessárias tantas críticas à ciência (feitas inclusive pelas feministas, grupo do qual também faz parte): porque os únicos que creem ser possível agir em exata conformidade com essa objetividade sem corpo são justamente os não cientistas. Seria difícil encontrar um praticante que seguisse à risca os manuais – há sempre uma frouxidão entre as prescrições e a prática.

Mas a arte de falar bem, de produzir supostos conceitos verificáveis e disseminar verdades, fortaleceu esse campo enquanto meio confiável de produção de conhecimento, desqualificando o que escapasse à sua lógica. Não há dúvidas de que as discussões nesse sentido puseram em xeque formas dominantes de se considerar o que é conhecimento. Mas Haraway quis escapar aos caminhos comuns de ‘desmascarar’ a suposta objetividade – o que, no fim, se tornava bastante fácil. Apesar de encontrar no argumento construcionista o maior aliado, que faria desaparecer as oposições entre ciência e não ciência, objetividade e subjetividade, era preciso investir numa explicação melhor, não apenas demonstrar as condições de construção das coisas no mundo. Não bastaria, portanto, dizer que todas elas são resultado de certas relações de forças, mas pensá-las de forma crítica, pensar sobre “nossas próprias e [sobre as] práticas de dominação de outros e nas partes desiguais de privilégio e opressão que todas as posições contêm” (Haraway, 1996, pág. 15). Por isso, também incluir as ciências sociais e humanas nessa discussão.

As feministas não precisam de uma doutrina de objetividade que prometa transcendência, uma estória que perca o rastro de suas mediações justamente quando alguém deva ser responsabilizado por algo, e poder instrumental ilimitado. Não queremos uma teoria de poderes inocentes para representar o mundo, na qual linguagens e corpos submerjam no êxtase da simbiose orgânica. Tampouco queremos teorizar o mundo, e muito menos agir nele, em termos de Sistemas Globais, mas precisamos de uma rede de conexões para a Terra, incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes - e diferenciadas em termos de poder. Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro (HARAWAY, 1996, pág. 16).

É aí que Haraway propõe uma objetividade, dita por ela, feminista. O que viria a sê-lo? Uma objetividade marcada por saberes localizados. Haraway faz um resgate da metáfora da visão (de Deus) como algo que a tudo vê sem ser visto. As incríveis

imagens produzidas pelos artefatos científicos, a exemplo, nos apresentam desde o espaço ao universo microscópico, dando a ilusão de uma visão infinita e descorporificada, que está em toda parte, que não é submetida a nenhuma condição. O perigo dessas não marcações é fazer parecer que ali residam as verdades do mundo. Isso remete às categorias (não marcadas), como Homem e Branco, que em seu pretense purismo excluem qualquer possibilidade de mistura ou paradoxo, terminando por não dizer de ninguém e lugar nenhum e servindo como referência para classificar e oprimir. As não marcações geram irresponsabilidade, no sentido de não se convocar a prestar contas por aquilo que produz.

Haraway subverte essa visão transcendente tomando-a enquanto parcial, localizada. O conhecimento pode então chegar por esses meios, desfazendo dicotomias, trazendo as singularidades e as implicações. “Desse modo” – ela diz – “podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver” (idem, *ibidem*, pág. 21). As fotografias que apresentam o mundo em suas mais variadas formas podem aí serem concebidas como visões locais e singulares, com maravilhosos detalhamentos, específicos a cada um.

Há que se tomar um cuidado, no entanto, de não romantizar as visões que da outra forma estavam subjulgadas, já que devem (como qualquer outra) estar sujeitas a avaliações críticas, caso contrário podendo se tornar tão totalizantes quanto as que as oprimiam. Haraway nos convoca:

Assim, como muitas outras feministas, quero argumentar a favor de uma doutrina e de uma prática da objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver. Mas não é qualquer perspectiva parcial que serve (...) Precisamos também buscar a perspectiva daqueles pontos de vista, que nunca podem ser conhecidos de antemão, que prometam alguma coisa extraordinária, isto é, conhecimento potente para a construção de mundos menos organizados por eixos de dominação (idem, *ibidem*, pág. 24).

E esse conhecimento se torna potente quando descobre que os seres são parciais, inacabados, e por isso mesmo capazes de se alinhar a outros, de “ver junto sem pretender ser outro” (idem, ibidem, pág. 26). A promessa de objetividade, segundo Haraway, não vem pela identidade, mas pelas conexões parciais. A grande contribuição que tiramos dessa autora é a legitimidade desse conhecimento, ou a aposta numa ciência (exata, humana, física, natural, social, política, biológica) que se faça a partir dessa visão local, situada.

Não perseguimos a parcialidade em si mesma, mas pelas possibilidades de conexões e aberturas inesperadas que o conhecimento situado oferece. O único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular (idem, ibidem, pág. 33).

Afinado a esse texto de Haraway (1996), encontramos um outro, de Luis Henrique Cukierman (2000), intitulado como *Eudóxia: uma viagem pela multiplicidade*. Cukierman, amparado por bons aliados, traz a constatação de que ao cultivarmos histórias no plural algo então é perdido: dispensamos a visão geral (pela qual a ciência guarda grande simpatia) que pretende dar conta das complexidades. Mas, ao proliferarmos pequenas narrativas, somos premiados com um novo artifício – a possibilidade de interferir nessas histórias. E isso é possível quando estamos em algum lugar em particular.

Ofélia costumava estar muito só, isso me preocupava. Quando pude desanuviar um pouco essas angústias, percebi que sozinha ela não ficava. Conversava com a moça que limpava a sala, com a que zelava pela escola, com a que preparava o café, com o que abria o portão, com a que dava aula. Ofélia se acompanhava se adultos, e com eles lá estava, sempre trocando palavras. Às vezes chegava ao grupo onde estava Alice, dizia

algo e saía. Mas era com os mais velhos que conversava. Na presença física e na virtual: me contava dos amigos com os quais batia papo pelo ipad. Quando pude desanuviar as angústias, percebi essa invenção de Ofélia, uma saída para estar nas companhias, já que ainda não era possível compartilhá-la com as outras crianças. Com elas, o diálogo pedia uma agilidade maior, um tempo que muitas vezes não esperavam. Com os adultos, havia uma paciência, uma atenção. E ela foi habitando os espaços possíveis naqueles momentos.

Mas isso não deixava de ser uma pergunta e uma preocupação. Não apareciam muitos laços entre Ofélia e as outras crianças. Era sempre difícil encontrar parcerias nos trabalhos em grupo. Havia pouca abertura para ela na turma e ela tampouco abria grandes espaços ao outro: as conversas eram mais como notícias, a serem entregues sem a espera para receber de volta. Fomos construindo o tempo de aguardar o outro terminar a fala para trazer a sua, que antes vinha atropelada nesse correio relâmpago, e quem sabe ainda um ouvir o que o outro também tem a dizer. Eu acabava sinalizando essas questões, puxando fios, ajudando a dividir suas notícias. Ainda muito longe dos cenários ideais que também floream minhas ideias: tão bom seria ver Ofélia sendo convidada a estar perto. Mas ela sabia da complexidade que são as relações, e dentro delas pôde arriscar estar em outros lugares, fazendo manejos delicados e se dando a esse enorme trabalho que é negociar com o mundo. Me pergunto se não estaria lhe ditando um molde de se comportar no social quando de alguma forma regulo essas conversas, quando ela chega nas suas urgências e peço para esperar porque alguém está falando, e quando depois ela me pergunta se já é sua vez. Mas ela participa justamente quando aguarda ao invés de dar as costas. Para Ofélia, uma enorme negociação. É ainda a mim que costuma dirigir as histórias, mesmo quando estou num grupo de colegas da turma,

mas ampliar esses caminhos é uma construção. Das aberturas de Ofélia e das que precisam haver do mundo.

Ofélia me mostrou as "graminhas" que estava fazendo: tirinhas de papel com pequenos cortes, juntinhos e seguidos, que serviriam para ilustrar o caderno. Mostramos à Alice e ela pediu que Ofélia as fizesse para ela. A ideia espalhou para o caderno da colega ao lado - apareceram graminhas por lá também. Cortei uma tirinha e ela me explicou como produzia, e me explicando, também o fazia para quem estava em torno. Ofélia compartilhava sua criação.

Foram dois anos nesse trabalho, dois anos acompanhando a turma numa fase onde esse intervalo de tempo parece maior que em outras. Pernas ficaram compridas, espinhas pipocaram no rosto e mãos apareceram entrelaçadas. Era a adolescência. E nesse momento de tantas descobertas interessantes, parece também ter ficado mais pesado o imperativo de moda, de andar, ter o cabelo ou os gostos de um certo jeito. O imperativo de corpo e subjetividade dessa nossa sociedade, que o tempo todo esbarra e atravessa a todos nós. Mas a graça da vida é que ela escapa aos aprisionamentos. E quando a gente escapa desses, pode perceber que a beleza, os jeitos, os corpos, os seres são plurais – essa é a graça. E me dava uma vontade danada de dizer isso à turma, mas talvez fosse preciso que eles descobrissem. O que gostariam mesmo é de estarem incluídos nos grupos, uma proximidade pela identidade. Mas, ao mesmo tempo que essa questão aparecia, dava pra perceber, no miúdo, as pontes feitas por outras proximidades. Como as que aconteceram comigo: conversava muito com um menino que adorava cinema e me dava ótimas indicações de filmes. Ou um outro que também gostava do Legião Urbana. Entre o vão das nossas gerações, achamos pontes. E assim certamente entre cada um deles. De novo, as conexões parciais.

Há algumas semanas, estávamos na aula de teatro e a turma se dividiu em grupos para criar uma cena. A bengala de Alice, como de costume, estava encostada num canto, enquanto ela conversava com o grupo. Uma colega a pegou, fechou os olhos e foi andar pela sala. Depois alguém mais se aproximou, também queria experimentar. Aquela cena era um encontro de mundos. Certamente os colegas não saberiam o que é ser cego apenas fechando os olhos, e talvez tampouco fosse seu propósito, mas ali houve uma curiosidade pelo universo do outro. Permeações.

Fragmento: Os aprendizados

Venho percebendo uma mudança nesse início de ano, que diz de uma passagem em que ocupo cada vez mais o lugar de coadjuvante. Quando comecei nessa função - e penso que assim se repete sempre que um trabalho é inaugurado - estive preocupada em saber sobre o funcionamento, de uma forma mais operacional, da escola, da sala de aula e da função do facilitador. Adaptação de materiais, registro dos deveres na agenda, comandos do programa de voz, fichas disponibilizadas na rede e como se dava esse acesso. E, sem dúvida, esse momento foi tão importante quanto o seguinte, quando esses trâmites já haviam se tornado familiares para então ser possível manejar com eles, transgredi-los ou construir outras estratégias.

Alice e Ofélia apresentavam demandas muito diferentes. Descobri que era preciso ser diferente para cada uma, e, dentro disso, acompanhar as mudanças, que também refaziam esse lugar. Com Alice, fomos construindo a autonomia das pequenas coisas: ela mesma ler sua resposta para a turma (ouvia-a pelo Dosvox e repetia à turma), pegar o suco no galão sobre a pia (e ir mapeando a disposição da sala) na hora do recreio, estar sem a facilitação em algumas aulas. Se os professores, ao passo que escrevessem no quadro, também fizessem a leitura em voz alta, Alice poderia copiar sem precisar de alguém ao lado para lhe ditar. E eles, sempre muito receptivos e interessados, topavam essas novas experimentações.

Essas conversas eram também sobre Ofélia. As poucas aberturas que me reservava e o acordo de aguardar por suas solicitações me levaram a trocar muito com os professores. Novas mediações. Às vezes, Ofélia me procurava apenas para dizer que tinha uma dúvida e que iria perguntar à professora. Descobri que era preciso ser uma para cada uma, mas cada uma me ensinava algo que servia para pensar o trabalho com a outra. Alice também poderia perguntar aos professores sobre suas dúvidas e talvez não precisasse de mim o tempo todo ao lado. Mas ao contrário de Ofélia, permitia essa presença e o fazia de maneira muito acolhedora. Era confortável estar ali, e eu me divertia muito com as histórias de Alice. Era fácil não me questionar sobre isso. Mas, estando a seu lado a todo tempo, não apareciam espaços para Alice convocar o mundo. As questões ganhavam resolução logo, paravam ali, ao lado. Ofélia me fez atentar para esse aspecto: o trabalho era também abrir conexões. Se, para Ofélia, estar junto era um desafio, para Alice, era construir outras aproximações.

A mãe de Alice me avisou que mandava o iphone na mochila. No modo acessibilidade, um toque de rolagem para ouvir as opções e dois toques para selecioná-las torna possível navegar por todos os recursos. Entre nossos encontros de corredores, hora de chegada ou saída, me pediu para que ensinasse Alice como usar. Eu até hoje confundo o nome dessa engenhoca, mas descobri com a turma que o iphone é uma ipad que faz ligações, um ipad é um iphone grande, o itouch é um ipad pequeno, mas esses não ligam, e um ipod toca música, e guarda foto? Talvez. Talvez não. O fato é que eu não sei mexer em nada disso. Mas a mãe de Alice me delegou essa missão, e não foi qualquer pedido. A filha andava um tanto espinhosa às suas entradas e talvez comigo fosse mais fácil. Não foi qualquer pedido chamar outra pessoa para estar junto, já que com ela não estava funcionando. Não é sem abrir mão de alguma coisa que se pode chegar aí. E isso também abre caminhos.

As mudanças vieram para todos. As meninas agora eram adolescentes, pediam mais espaços aos olhares, cuidados e suportes que as mães insistiam em oferecer. Digo

das mães pois eram com quem mais conversava nos encontros na escola. A mãe de Ofélia era professora dessa instituição há muitos anos, e por isso pudera acompanhar de perto todo percurso escolar da filha. Mas nesses dois últimos, uma mudança: não compartilhavam mais o recreio nem podia observá-lo da sala onde dava aulas. A respiração presa. O que acontecia a Ofélia longe de seus olhos? Histórias lhe chegavam e junto o pedido de Ofélia para que não interferisse. Era preciso conversar, dar instrumentos, frases, para que ela mesma pudesse interferir. Um aprendizado penoso, difícil não tomar-lhe a frente em sua defesa, quando a vontade era essa mesma. E durante esses dois anos, outra mudança: a mãe de Alice já não passava tanto tempo dentro da escola. Muitas negociações, idas e vindas e a espera do lado de fora. Mas alguém poderia empurrar-lhe na escada ou acontecer algo mais grave. Então Alice teria que segurar no corrimão, pedir licença, passar. Ela já fazia isso. O esperar do lado de fora era encontrar uma restrição num território onde estava a filha. Um desafio aos pais, desafio pelo qual todos eles passam, um aprendizado. O contar com outros atores nesses cuidados, o distribuir a confiança nessa rede onde os filhos estão inseridos, e neles mesmos. Admiro muitíssimo esses esforços, essas aberturas, que são tão doídas mas que constituem importantes passos para todos e que foram fundamentais para as boas descobertas que observamos, caminhadas.

Experimentamos a postura de cada personagem: o Doutor, com o corpo que se curvava para proteger a bolsinha de dinheiro; a Colombina, de quadril quebrado e mãos na cintura; o Arlequim, apoiado sobre um pé e com o outro já preparado para fugir; o Capitão, com o peito estufado e a espada em riste. A professora de teatro propôs uma cena e, enquanto as duplas apresentavam para o restante da turma, ela fazia comentários e sinalizava o que poderia ser mais explorado. E isso era justamente o encarnar outras posturas, o experimentar um outro corpo. Difícil. Estava aí o desafio do teatro: sair do lugar. E para isso era preciso sustentar o desconfortável, sustentar um jeito de andar, de falar, de estar que não era o nosso; era preciso

a ousadia de entrar nesse outro jeito onde não se sabia direito como fazer. Então se descobria uma outra voz, um outro caminhar, inventava-se. Mas, se descuidasse, rapidamente aparecia de novo o jeito comum, a querer sempre o mesmo falar, o mesmo caminhar. Bons exercícios.

Referência: Universos

Eu ainda não havia viajado o mundo todo, ainda estava no ensino médio e morava numa pequena cidade industrial na Alemanha, (...) onde havia, no entanto, um festival de documentários. (...) Um dia, vi meu primeiro filme, *Memories of Underdevelopment*, de Tomás Gutiérrez Alea. No dia seguinte, vi *La Hora de los Hornos*, do cineasta argentino Fenando Solanas. Aquele fim de semana mudou minha vida. (...) Então, os filmes foram as primeiras mensagens que recebi destes territórios desconhecidos. Mas estes filmes que eu assisti não eram do tipo de campeões de bilheteria mundial que os garotos e jovens de hoje encaram. Estes filmes que eu vi eram verdadeiros mensageiros. Aquele cinema que me fez querer chegar até estes lugares remotos e distantes foi criado dentro de suas próprias fronteiras e limites. E aqueles filmes foram definidos por um senso muito forte de lugar, eles foram conduzidos por uma história local, falado em um sotaque local, explorando suas cores locais, saindo de uma cultural local e de sua própria língua e eles eram específicos àquelas fronteiras. Sim, até o faroeste americano. Aqueles filmes me impressionaram quando eu comecei a apreciar cinema. O senso de lugar era viciante, e foi isto que me fez querer viajar e expandir meus horizontes, aquele senso de lugar foi o que me preencheu com a doce curiosidade de descobrir o mundo (WENDERS, 2008)²⁴.

O universo de Alice era do tamanho das mil histórias. Das que me contava e das que me pedia para que lhe contasse. O que aconteceu? O que ela te entregou? Quem está lá na frente? Tem alguém nessa sala? E quando eu esquecia e calava, a curiosidade de Alice me despertava de novo pra esse dizer das coisas do mundo, um dizer que dava existência a essas coisas. E apesar dos anos de pesquisa do Instituto Benjamin Constant, foi ali que mais uma vez fui percebendo importância disso, num processo, do todo dia. Quem a professora mandou pra fora de sala? Ih, nem vi, esse não era um evento sobre o

²⁴ Esse trecho foi transcrito da exposição feita por Win Wenders, intitulada *Cinema além das fronteiras*, na Conferência *Fronteiras do Pensamento*, de 2012.

qual eu faria comentários. Mas Alice queria saber, ué. Aprendi sobre as importâncias, que às vezes divergiam das minhas. Ela foi me contando do seu universo – um universo particular, como são os universos: o meu, o de Alice, o de cada um de nós, diferente.

As linhas retas que definiam os corpos dos bailarinos ganharam outros contornos, arredondados - era o que assistíamos no espetáculo "Onqotô", do grupo Corpo. Tentava descrever as coreografias para Alice, mas os movimentos eram mais fluidos que minhas palavras. Se tentasse dizer de cada um, não seria possível. Foi o que descobri quando tentei fazê-lo. Mas então o que destacar? Que a dança contemporânea abriu as possibilidades de movimento, como explicou a professora. Que as pernas, os braços e a coluna dos bailarinos pareciam moles, faziam curvas. E quando a professora pediu que se prestasse atenção na disposição do grupo no palco, fiz as marcações com os dedos na mão de Alice. Um grupo que começava juntinho, aí dois se desprendiam, iam e voltavam - e assim fui pontuando as filas e arrumações com pequenos toques. As palavras às vezes mais confundem que explicam, e nessas aulas de expressão corporal, onde os alunos costumam criar ou aprender passos, isso é recorrente. Então inventamos outros jeitos de falar do movimento, que já lembrem algum sentido ou que seja criado ali. Ou ainda usando a própria linguagem do corpo, do gesto, do sentir.

Ofélia estava crescendo. Vinha me contar histórias, antes muito curtinhas, e que agora se estendiam em grandes explicações. Pra começar, um fôlego, um tempo, um pedido: deixa eu falar. Pode falar, Ofélia. A vida estava se povoando de histórias, ou se já existiam, agora podiam ser partilhadas. Mas eu ainda não conseguia lhe contar as minhas: era procurá-la que a coisa desandava. Irritações. Eu era quem deveria ser procurada – vamos lá, uma coisa de cada vez. O tempo de Ofélia. Ainda não havia grandes aberturas na turma, ainda não. Mas o mundo era maior, eu pensava, e talvez o tempo pudesse dizer isso. Alargando os caminhos, pras pernas que também estavam ficando compridas.

Enquanto eu fazia linhas numa folha em branco a pedidos da turma, Ofélia se aproximou com a sua, para que eu também pautasse. Entre os pontos marcados pela régua e os traços que os ligavam, ficamos de conversa - e talvez essa tenha sido uma das melhores conversas que já tivemos. Falamos de coisas da vida, deixando-as aparecer sem programações, cobranças ou pesos. Muitas vezes levo pra casa as intervenções que Ofélia me faz, reflito bastante e, num momento oportuno, procuro devolver de alguma forma seus efeitos em mim. Mas agora estávamos apenas lado a lado, esperando as linhas aparecerem no papel. Ofélia perguntou se as próximas fichas (conteúdos produzidos pelos professores) seriam em formato de papel A4. A professora de projeto disse que agora eles estavam no ensino fundamental II e que passariam a receber nesse formato (ao invés do 'caderninho') porque o antigo era mais infantil. E eles estavam crescendo. Ofélia estava crescendo. Se perguntou para mim para onde iria quando terminasse o novo ano. Por ela, continuaria naquela escola até a hora de ir pra faculdade. Falei que não precisaria se preocupar com isso agora, mas o que eu achava é que teria um momento em que ela mesma iria gostar de conhecer outros lugares. Outros lugares e outras pessoas - me completou. É, isso mesmo. Sorrimos. Tudo tem seu tempo. Ofélia está crescendo.

Estar em contato com outros universos nos reconstrói. Desde as histórias diversas que nos chegam pela tela do cinema à conversa com a pessoa que nos é mais próxima. O outro é sempre um mundo infinito de acontecimentos, memórias, diferenças, surpresas. E desses encontros, não passamos imunes. Eles nos refazem. Mudamos nossas ideias, criamos novas, nos entediamos com o de sempre, nos indignamos de forma polida ou transbordante, nos encantamos cotidiana e continuamente. O que tentamos nessa escrita foi apresentar alguns desses universos, situados pelos meus encontros com eles (se fossem a partir de vocês, leitores, outros relatos apareceriam por aqui). E deles, colher pistas para pensar as próximas ações em campo, para reavaliar nossos posicionamentos, para tornar as intervenções resultado dessa composição.

Cheguei à escola numa função que até pouco antes me era desconhecida. Descobri um novo fazer: o trabalho como facilitadora. E agora, depois de muitos meses de

envolvimento com esse campo, o que posso dizer dele? Que foi preciso ver meu projeto de conhecimento se desfazer e refazer a todo tempo. Cheguei acompanhada de algumas histórias, cuidadosamente passadas pela profissional que me antecedeu, com disponibilidade para estar ali e com o medo tremendo que costuma aparecer diante do novo. Imagino que mesmo aqueles pesquisadores que supõe dominar um saber, quando chegam a campo sentem tremer suas certezas. Porque ele comporta a dimensão do imprevisível e raro que se comporte exatamente como prescrito. Como o pesquisador lida com isso é que vai dizer de sua aposta política no processo de intervenção e produção do conhecimento.

A nossa aposta, materializada e desenvolvida nessa dissertação de mestrado, foi incluir os impasses e refeituas na própria escrita. Porque assim foi em campo: os desafios do aproximar-se de Ofélia, suas contestações, o levá-las em conta, as negociações que precisamos fazer, o repensar minha função para Alice, os espaços que foi preciso abrir, o que surgiu a partir dessas lacunas, as parcerias com os profissionais da escola, as conversas com as mães, e tantos outros. Muitas vezes não pude ouvir as sutilezas, me embolei nos manejos e cometi tropeços. Mas procurava levá-los comigo, pensar sobre essas conduções para as próximas abordagens. E as meninas, Alice e Ofélia, foram bastante generosas, estando disponíveis pra refazer, de uma forma melhor, nossas relações. Elas me atentaram para a força e os efeitos do que juntas construíamos. Uma experiência de muitos aprendizados, que me deixou fortes laços.

Conclusão

Mergulhada numa das fases difíceis do trabalho, em que as engrenagens da escrita pareciam ter enferrujado, liguei pra Márcia²⁵. Tinha lhe enviado uma das últimas versões do texto e que por semanas espremi até a última gota pra fazer crescerem as palavras, que li e reli, que achei que estava tudo ruim e que eu não tinha mais nada a dizer. Fase difícil da escrita. E minha orientadora, com a calma e a delicadeza que lhe são características, me sublinhou o que estava sentindo falta no texto, o que tinha gostado, sugestões de mudanças e que era hora de pensar os caminhos a seguir na finalização. Que fios puxar dessa escrita, pra fazer os últimos arranjos. E um fio que eu não tinha percebido até ser ali sinalizado foi o do deixar partir. Nas histórias que relatei neste trabalho esteve presente, em todas elas, o deixar partir.

A Oficina da Palavra, que criamos com a proposta de abrir um espaço de cuidado para quem ficava à espera, foi sobre isso – sobre algo que desacomodava. Penoso deixar o outro partir, fosse o acompanhante ou o acompanhado. E naquele grupo, pôde aparecer tanto cansaço do guiar como a revolta com os saberes que insistiam no deixar partir, sem considerar como isso custava. A tranquilidade de perceber que o outro também se reorganizava sem a visão e também a força da militância pelo fazer sozinho. Apareceram os muitos afetos movidos por esse ampliar as relações e os novos caminhos que foram feitos, bem como o compreender, de minha parte, que as mudanças são operações que se fazem no miúdo, e que as aparentemente miúdas podem estar fragmentando durezas há tempos sedimentadas. A potência do inventar sobre o que não se sabe.

²⁵Márcia Moraes, professora orientadora desse trabalho.

Com Alice e Ofélia, aprendi que acompanhar é um verbo, conjugado a partir dos diferentes tempos e pessoas. Ofélia me mostrou que a presença é um estar por ali, que a presença também precisa de espaços. Os pedidos que me chegavam na radicalidade eram sempre para deixá-la ir, e quando pude respeitar, apareceram os espaços para que viesse se aproximar. E aí fui percebendo que também era preciso deixar Alice ir, ir buscar o suco na pia da sala e descobrir as carteiras, as fileiras, o armário, os tropeços e os desvios, ir falar com as meninas, ir perguntar aos professores. E as mães dessas duas jovens, que me ajudaram a atentar para a riqueza desses movimentos, experimentaram outros ‘deixar partir’: os que fazem parte da vida, dos filhos crescendo, do mundo ficando maior.

Essas mães, primas, esposas, amigas que fizeram parte desse trabalho nos trouxeram outro traço daqueles dois campos pesquisados: a predominância do feminino na função do cuidar. Há que se ter cautela para não naturalizar esse enlace, atribuindo à mulher uma dedicação inata ao cuidado ou excluindo toda uma extensa rede de atores que também aí participa. Mas esse dado por certo nos parece curioso e merece atenção. Que podemos colher a partir disso? Que talvez ali, naquelas relações, essa proximidade estivesse presente. Esse foi um trabalho em grande parte tecido por mulheres (assim como as contribuições na escrita, as que vieram da orientação, do grupo de estudos, do grupo de pesquisa, da coordenação da escola), e talvez eu ainda não saiba como estender essa discussão, mas achamos fundamental sublinhá-la. Nem todas as questões abertas durante esse percurso foram concluídas, porque também dele também seguimos com questões.

E esse viés do cuidado atravessou todo o percurso do presente trabalho, tanto no processo de escrita quanto no próprio campo. A Oficina da Palavra foi um espaço de partilha e, assim sendo, estreitou laços e possibilitou que aquelas histórias fossem

cuidadas, ouvidas, ponderadas por todos aqueles que faziam daquela reunião um grupo. O cuidado com que o grupo de pesquisa Perceber sem Ver recebia nossos relatos e ajudava a planejar os próximos encontros. O cuidado que eu, Alice e Ofélia construímos umas com as outras, considerando nossas diferenças e inventando pontes. O cuidado na escuta das mães, pois o que elas tinham a me dizer foi fundamental para pensar jeitos melhores de estar naquele trabalho. E das tantas conversas com os professores, coordenadores, diretores, auxiliares da escola. O cuidado na leitura dessas páginas pelos que gentilmente aceitaram compor a banca, e das reflexões propostas pelos amigos do mestrado e de outras estradas. E no que consiste esse cuidado? No levar em consideração o que o outro tem a dizer. Foi a partir dessa pista, que colhemos do método pesquisarCOM, que tentamos conduzir o trabalho, sendo importante encontrar nesse percurso parceiros que também levassem em consideração que eu tinha a dizer. Porque foi nessa troca que podíamos refazer nosso projeto, a partir dos encontros.

A proposta de construir um conhecimento que fosse com, e não sobre o outro, previa também que pudéssemos partilhar essa escrita com aqueles que aparecem nos diários incluídos nessas páginas e que chegam a vocês. Não seria possível fazê-lo, de partida, com os que integraram a Oficina da Palavra, visto que o grupo havia se desfeito já há algum tempo. Mesmo que na época explicássemos que aquele trabalho fazia parte de um grupo de pesquisa, o Perceber sem Ver, ainda estávamos nas discussões sobre como devolver a escrita àqueles que dela participavam (embora o fazer com estivesse presente na própria condução do trabalho, como na colheita de pistas para pensar os próximos passos e na escuta e discussões do que aparecia no grupo). Mas trazer os diários produzidos na função de facilitadora, na qual atuei concomitantemente ao mestrado (e à confecção da dissertação), me fez estar diante dessa questão o tempo todo. Como seria escrever sobre personagens que leriam esse texto? O que trazer das

narrativas, o que evidenciar? Como incluir relatos que me foram confiados, e a mais ninguém?

De início, conviver com a primeira pergunta me trouxe um certo embaraço. Temia que meus relatos caracterizassem formas àqueles dos quais falava, atribuindo e naturalizando jeitos a cada um, como assim o fossem – preocupação que ficava ainda maior quando os imaginava diante dessas imagens. Foi então que me chegou a sugestão da querida Camila Alves: incluir na escrita as minhas idas e vindas, os meus refazer, angústias, os meus equívocos, e assim nos apresentar – a todos nós – enquanto percurso, e não como indivíduos isolados. Agora, perpassando essas páginas, vejo que em muitos momentos não consegui fazê-lo como gostaria, que haveria ainda outras histórias a serem contadas. Mas talvez essa impressão, tão recorrente na finalização dos trabalhos, esteja dizendo exatamente disso: que essa versão única e última não existe, que as versões são plurais e inacabadas.

Quanto às duas outras perguntas, seguimos. A escrita e os encontros estiveram aqui presentes enquanto composições, com seus tantos atravessamentos e manejos. E no manejo do que entrava ou não nesse texto (algo com que todo texto precisa se a ver), e de que forma isso seria feito, também era pensada a relação de confiança construída nas relações que envolveram esse trabalho. Ainda que o viés da pesquisa fosse apresentado aos participantes, cuidar da relação de confiança era pra além da comunicação e autorização do uso de um material. Era pensar o que seria incluído nesse texto, como dissemos anteriormente, que aposta fazíamos aí. Era trazer questões suscitadas pelo campo e a rede com a qual ele se articula, e não expor ou analisar seus personagens.

E se todo trabalho é uma relação entre o que se inclui e o que fica de fora, devemos falar também do que não pôde estar aqui. A ideia de retornar o texto aos que dele participaram faz parte de um posicionamento ético. Oferecido à partilha, estaria

sujeito a interferências, afirmando aquela produção como uma das tantas versões possíveis e servindo como crítica à concepção de um pesquisador que detém o saber, ao tirar de quem escreve a soberania sobre os acontecimentos. Mas não pude fazer essa devolução – não antes da finalização desse trabalho. Sim, um furo. Acabei me perguntando se, dessa forma, poderia dizer dessa uma escrita feita COM. Mas pensamos que foi no registro dos diários de campo, nas observações a partir de sua leitura, na construção de um texto onde estivessem presentes as negociações feitas em campo que pôde aparecer o fazerCOM. Afinal, o fazerCOM foi uma prática, desenvolvida em todo esse conjunto de ações implicadas numa ética e política de pesquisa, e sobre a qual cabia dizer dos limites pois deles também se constitui. Eles foram parte do percurso, do modo como foi possível levar adiante a pesquisa.

Chegamos então ao último parágrafo dessa conclusão, que esteve mais preocupada em dizer das incompletudes que dos encerramentos. E talvez disso se tratasse todo o trabalho, que nas costuras entre fragmentos e referências, escapando aos enredos lineares, buscou uma estratégia de escrita para destacar esse predicado das histórias: que elas não estavam terminadas, mas se fazendo, a todo tempo, naqueles encontros, e que assim continuariam, adiante. Desde que interrompi a escrita dos diários muito se passou. E é preciso sermos lembrados disso ao chegarmos em nossos últimos parágrafos: que a vida segue. Mas então de que adiantaria colher algo dessas experiências se não chegamos a uma conclusão final? Não chegamos nem pretendíamos fazê-lo. As pequenas conclusões, que poderíamos chamar as reflexões tecidas pelo pesquisarCOM, despertadas pela escuta do campo, eram sempre locais e também por vezes precisaram ser refeitas. Mas foi nesse local, nessas histórias, considerando aqueles arranjos que foi possível criar interferências potentes, que serão levadas adiante. E o que eu levo adiante são as belíssimas interferências que me ficaram das pessoas que

participaram desse trabalho, e acredito que algumas de suas histórias, apresentadas aqui, tenham ficado em vocês também, leitores. Agora era de partir. Agradeço mais uma vez a disponibilidade que tiveram para nos acompanhar nesse percurso e desejo bons encontros por esses caminhos, sempre contínuos.

Referências

ALVES, Rubens. *Escutatória*. O amor que ascende a lua. São Paulo: Papyrus Editora, 2003.

ARAÚJO, C., MANSO, C., CONTI, J., NEVES, J., ELIODORAZ, L., FRANCO, L., GONÇALVEZ, T., VITORINO, V., MORAES, M. *Composições do não ver: Contando histórias*. Composições do Ver e Não Ver - Arte e Pesquisa COM Pessoas com Deficiência Visual. Organizadora Márcia Moraes e Virgínia Kastrup. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2010.

BARROS, Manoel de. *O apanhador de desperdícios*. In. PINTO, Manuel da Costa. Antologia comentada da poesia brasileira do século 21. São Paulo: Publifolha, 2006. p. 73-74.

BELARMINO, J. Aspectos comunicativos da percepção tátil: a escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

BENJAMIN, W. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, Obras escolhidas volume 1, p. 197-221, 1994.

BAPTISTA, L.A. *A escuta surda – o indivíduo*. A Fábrica de Interiores – A formação psi em questão. Niterói: EdUFF, 2000.

BAPTISTA, L.A. *Noturnos Urbanos. Interpelações da literatura para uma ética da pesquisa*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, ano 10, N. 1, p. 103-117, 1º semestre de 2010. Documento eletrônico, disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a08.pdf>, acessado em outubro de 2012.

BLANCHOT, M. *O diário íntimo e a narrativa*. O Livro do Porvir. Martins Fontes: São Paulo, 1ª. edição, 2005.

CAROLL, L. *Alice no país das maravilhas e Alice através do espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CASTELLO, J. *O inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

CERTEAU, M. *III Fazer com: Usos e Táticas*. A Invenção do Cotidiano - Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 3ª. Edição, 1998.

CÉZAR, P. *Documentário Só dez por cento é mentira*. Brasil: 2008.

COUTO, M. *Repensar o pensamento*. Conferência Fronteiras de Pensamento, 2012. Vídeo disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=ahb9bEoNZaU>, acessado em março de 2013.

COUTINHO, E. *Encontros Eduardo Coutinho*. Organização Felipe Bragança. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2008.

COUTINHO, E. *Edifício Master*. Documentário, 2002.

CUKIERMAN, H. L. *Eudóxia: uma viagem pela multiplicidade*. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Vol.52, nº3, 28-15, 2000.

DESPRET, V. *The body we care for: figures of anthropo-zoo-genesis*. Body and Society, 2004. Versão traduzida para o português por Maria Carolina Barbalho e Ronald Arendt, não publicada. Documento eletrônico, disponível em:

<http://xa.yimg.com/kq/groups/19965835/1307741106/name/Despret++Hans.doc>,

acessado em abril de 2012.

DESPRET, Vinciane. *Experimentar a disseminação*. II Ciclo de Intercâmbio Internacional: Diálogos sobre Conhecimento Ética e Pesquisa com Vinciane Despret, 2011.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Site disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo>.

Dicionário online de Português. Site disponível em: <http://www.dicio.com.br>.

Exercícios do Ver e Não Ver: Arte e Pesquisa COM Pessoas com Deficiência Visual. Organização Márcia Moraes e Virgínia Kastrup. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2010.

FAVRET-SAADA, J. *Ser afetado*. São Paulo: Revista dos Alunos de Pós-graduação em Antropologia Social da USP, ano 14, 2005. Documento eletrônico, disponível em: http://www.fflch.usp.br/da/cadcampo/ed_ant/revistas_completas/13.pdf, acessado em janeiro de 2012.

GAGNEBIN, J. M. *Memória, história, testemunho*. In: GAGNEBIN, J. M. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Editora 34, 1ª. edição, 2006.

GUDULE. *Sherazade*. Contos e lendas das Mil e uma noite. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HARAWAY, D. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. São Paulo, Campinas: Cadernos Pagu, volume 5, 1996. Documento eletrônico, disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/31102009-083336haraway.pdf>, acessado em janeiro de 2013.

LATOURET, B. *Como falar do corpo?* In: Nunes, J. A. e Roque, R. (orgs.) *Objectos impuros. Experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

LISPECTOR, C. *Legião estrangeira*. Legião estrangeira. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MANSO, C. Narrativas do cegar: (re)criações de um corpo. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: 2010.

MARTINS, B. S. E se eu fosse cego? Narrativas silenciadas da deficiência. Portugal: Afrontamento, 2006.

MARTINS, B.S. *A cegueira como transgressão corporal: dos corpos marcados aos corpos que marcam*. Documento eletrônico, disponível em: www.apantropologia.net/publicacoes/actascongresso2006/cap7/MartinsBruno.pdf, acessado em agosto de 2011.

MARTINS, B.S. *Políticas sociais na deficiência: exclusões perpetuadas*. Documento eletrônico, disponível em: www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/228/228.pdf, acessado em agosto de 2011.

MINIDICIONÁRIO da Língua Portuguesa Silveira Bueno. São Paulo: FTD: Lisa, 1996.

MOL, A. *The Logic of Care. Health and The Problem of de Patient Choice*. New York: Routledge, 2008.

MORAES, M. E ARENDT, R. *Contribuições das investigações de Annemarie Mol para a psicologia social*. Revista Psicologia em Estudo, 2013, no prelo.

MORAES, M. *Carta aos alunos com quem estive e estou nas disciplinas de metodologia de pesquisa*. Não publicado. 2012.

MORAES, M. *PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual*. Exercícios do Ver e Não Ver: Arte e Pesquisa COM Pessoas com Deficiência Visual. Organização Márcia Moraes e Virgínia Kastrup. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2010.

MORAES, M. *A contribuição da antropologia simétrica à pesquisa e intervenção em psicologia social: uma oficina de expressão corporal com jovens deficientes visuais*. Psicologia e Sociedade, volume 20, 2008.

MORAES, M. *A contribuição da antropologia simétrica à pesquisa intervenção em psicologia social: uma oficina de expressão corporal com jovens deficientes visuais*. Psicologia e Sociedade, v. esp, p.41-49, 2008.

MORAES, M. *Modos de intervir com jovens deficientes visuais: dois estudos de caso*. Psicologia Escolar e Educacional, volume 11, p. 90-110, 2007.

MORAES, M.. *Modos de intervir com jovens deficientes visuais: dois estudos de caso*. Psicologia Escolar e Educacional (Impresso), v. 11, p. 90-110, 2007.

MORAES, M. *Ver e não ver: sobre o corpo como suporte da percepção entre jovens deficientes visuais*. Revista Benjamin Constant, volume 12, n. 33, p. 15-20, 2006.

MORAES, M.. *Ver e não ver: sobre o corpo como suporte da percepção entre jovens deficientes visuais*. Benjamin Constant (Rio de Janeiro), v. 12, n.33, p. 15-20, 2006.

MORAES, M. *A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, volume 11., maio-agosto 2004.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: Estética e Política*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SALLES, J.M. *Documentário Santiago*. 2007

SILVEIRA, M. *Vozes no corpo, territórios na mão: loucura, corpo e escrita no PesquisarCOM*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

SPINK, Peter (2003). *Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista*. Psicologia e sociedade, 15(2). Porto Alegre, 2003.

PALOMBINI, A., BARBOSA, R.P., FICK, T., BINCOWSKI. *Cuidando do cuidador: da demanda de escuta à escrita de si*. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 13, n. 2, p. 253-264, junho 2010. Documento eletrônico disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v13n2/07.pdf>, acessado em janeiro de 2013.

WENDERS, W. *Cinema além das fronteiras*. Conferência Fronteiras do Pensamento, 2008. Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=T62VSYKUrU4>, acessado em abril de 2013.